

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**RELAÇÃO LITERATURA PARA CRIANÇAS E
ESCOLA NOS 30 ANOS DE CONGRESSO DE
LEITURA DO BRASIL**

CAMPINAS

2009

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Ana Cláudia Ritto

RA: 058820

**Relação Literatura para Crianças e Escola nos Trinta Anos de
Congresso de Leitura do Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como exigência parcial para a conclusão do curso de graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação da UNICAMP, sob orientação da Profa. Dra. Lílian Lopes Martin da Silva.

Campinas

2009

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Ritto, Ana Cláudia

R518r

Relação literatura para crianças e escola nos 30 Anos do Congresso de
Leitura do Brasil / Ana Cláudia Ritto. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Lilian Lopes Martin da Silva.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação.

1.Congresso de Leitura do Brasil. 2. Literatura infanto-juvenil. 3. Escolas.
4. Estado da arte. I. Silva, Lilian Lopes Martin da. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

09-372-BFE

Dedico este trabalho a Deus e à minha família
que me sustentaram e apoiaram durante sua realização

Agradecimentos

Agradeço a todos que contribuíram para a realização deste trabalho:

À Profa. Dra. Lílian Lopes Martin da Silva, pela orientação, atenção e oportunidade de aprofundar meus conhecimentos.

A todos os funcionários da Biblioteca Central e da Faculdade de Educação que me auxiliaram pelos caminhos desta pesquisa, especialmente à Danielle T. Ferreira, do Programa de Acesso à Informação Eletrônica da Biblioteca Central da UNICAMP pela atenção e orientação.

A todas as minhas amigas, em especial à Juliana, Thaís, Paula Trento, Paula Ourique e Priscila, pela amizade, apoio e incentivo durante a graduação e a realização deste trabalho.

À minha família por sempre estarem presentes em todos os momentos da graduação e da minha vida.

"Os outros se orgulham dos textos que escreveram.

Eu me orgulho dos que li".

Jorge Luis Borges

RESUMO

Esta pesquisa tem por base a posição de que a literatura educa, mesmo quando “esta educação tem um caráter formativo (...) [porque] não se presta ao domínio escolarizado de pontos, deveres e notas” (AMARILHA, 1997, p.49). Decidiu-se reunir e refletir sobre os trabalhos acerca da literatura para crianças na escola, elaborados durante os trinta anos do Congresso de Leitura do Brasil (COLE), um evento nacional que, desde seu início em 1978, se dedica a pensar sobre o tema da leitura. Optou-se por realizar o esforço de analisar o movimento dessas reflexões ao longo do tempo, de forma a compreender os diferentes aspectos e significados que a discussão foi assumindo.

A pesquisa se divide em dois momentos: num primeiro, buscou-se realizar uma “varredura” nos materiais produzidos sobre os COLE’s, disponíveis na sede da Associação de Leitura do Brasil, de forma a organizar e classificar os diferentes e variados documentos existentes, bem como digitalizar os materiais (os primeiros ainda estavam apenas impressos) para disponibilizá-los no site da associação, buscando com isso facilitar a pesquisa de todos sobre eles e divulgar melhor os muitos conhecimentos produzidos no Congresso de Leitura..

Num segundo momento o trabalho se voltou apenas para os **programas e anais do evento**, visando construir uma visão do tipo “Estado da Arte” para o tema da literatura para crianças em sua relação com a escola, nos períodos da educação infantil e primeiros anos do ensino fundamental. Teve como objetivo analisar como este espaço de reflexão e produção de conhecimento se construiu nesse evento, procurando compreender: a) desde quando este assunto está presente nos congressos; b) de que modo e em que dimensão; c) quais as contribuições que os COLEs trouxeram sobre este tema.

Palavras-chave: Literatura para Crianças – Escola – COLE - Estado da Arte.

SUMÁRIO

I.INTRODUÇÃO	9
I.1. APRESENTAÇÃO	9
I.2. O CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL (COLE)	11
I.3. A ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL (ALB)	15
II. PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	20
II.1. LITERATURA PARA CRIANÇAS EDUCA?	20
II.2. PESQUISAS DOCUMENTAIS	25
II.3. PESQUISA “ESTADO DA ARTE”	31
III. O TRABALHO COM AS FONTES DOCUMENTAIS	34
IV. ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	40
IV.1. A RELAÇÃO LITERATURA PARA CRIANÇAS E ESCOLA NO COLE PELO TEMPO	41
IV.2. A RELAÇÃO LITERATURA PARA CRIANÇAS E ESCOLA NO COLE, POR FOCOS DE INTERESSE	47
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
BIBLIOGRAFIA	62
ANEXO I	64
ANEXO II	86

I.INTRODUÇÃO

I.1. Apresentação

No contexto do último ano do curso de Pedagogia da Unicamp existe a exigência, aos alunos do curso, de realizar uma pesquisa orientada por um docente, que demonstre produção própria¹. Assim chegou a mim a necessidade de definir, dentre os muitos conhecimentos e áreas de interesse, delineados ao longo do curso, o tema que desejava pesquisar de forma mais sistemática e aprofundada.

A literatura se fez, neste momento, muito presente enquanto área de interesse, já que esteve permeando todo meu percurso de escolarização. Tratava-se de um gosto e de um hábito adquirido desde cedo. Então, o interesse por este tema foi ainda mais perceptível durante a disciplina EP154 - Fundamentos da Alfabetização, do currículo do Curso de Pedagogia e ministrada pela professora Norma Sandra de Almeida Ferreira², que, com seus 'círculos do livro'³, reavivou a discussão sobre a importância da literatura para a educação, sobretudo na esfera escolar e nas séries iniciais.

Em outra disciplina do curso, EP144 - Metodologia de Pesquisa em Ciências da Educação⁴ senti o interesse mais definido em pesquisar um tema relacionado à literatura, mais especificamente em literatura para crianças e sua relação com as novas tecnologias. Seria essa

¹ A pesquisa deve ser desenvolvida em duas disciplinas do currículo de Pedagogia, Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, I e II, sob a orientação de um professor da Faculdade de Educação.

² A professora Norma Sandra de Almeida Ferreira é professora assistente doutora da Unicamp, pertence ao DELART (Departamento Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte), e ao grupo de pesquisa ALLE (Alfabetização, Leitura e Escrita), ambos da Faculdade de Educação. Ministra a disciplina Fundamentos da Alfabetização, a qual tem por ementa estudar as relações entre linguagem, cultura, sujeito e ensino da língua, a escrita enquanto produção social, bem como as práticas da alfabetização.

³ Nesta atividade a professora elege uma lista de livros e os alunos escolhem um dentre estes para ler, podendo haver também sugestões de outros livros. Os alunos apresentam aos demais alunos da sala o livro que leram, contam sobre o tema e recomendam ou não a leitura do livro.

⁴ Esta disciplina tem por ementa: "iniciar o aluno para, na área da educação, apreender o processo de produção do conhecimento, ler, avaliar e criticar pesquisas e formular projetos". Unicamp. **Catálogo dos cursos de Graduação**. Disponível em: <<http://www.dac.unicamp.br/sistemas/catalogos/grad/catalogo2006/index.html>>. Acesso em: 14 out. 2009.

minha primeira proposta para a construção de um Trabalho de Conclusão de Curso, sob a forma de uma investigação. Conversando com a professora Lílian Lopes Martin da Silva⁵ sobre a possibilidade de ela me orientar na execução deste trabalho surgiu, no diálogo, o projeto da professora de suprir a necessidade da construção de uma memória dos 30 anos do Congresso de Leitura do Brasil (COLE) e o meu interesse pelo assunto da literatura tomou novo rumo. Pesquisaria o assunto, mas como fonte de consulta tomaria todos os Anais dos 16 Congressos já realizados (que estavam na sede da Associação de Leitura do Brasil, no anexo II da Faculdade de Educação) e que traziam reflexões sobre a temática em seus diversos aspectos e ênfases ao longo deste tempo.

A nova proposta foi dividida em duas etapas, a primeira, de realizar uma “varredura” nos materiais produzidos sobre os COLEs disponíveis na sede da Associação de Leitura do Brasil, de forma a organizar e classificar os diferentes e variados documentos existentes, bem como digitalizar os materiais (os primeiros ainda estavam apenas impressos) para disponibilizá-los no site da associação, buscando com isso facilitar a pesquisa de todos sobre eles e divulgar melhor os muitos conhecimentos produzidos no Congresso de Leitura.

Este seria o primeiro movimento que a pesquisa buscava realizar através dos materiais produzidos durante e após a realização dos congressos. Os documentos existentes iam dos folhetos, cadernos de resumos gerais (primeiras edições), resumos das sessões de comunicação, das comunicações oficiais, anais, programação cultural e cds-rom já completos (últimas edições).

Deste passo inicial da pesquisa, se analisaria em uma pesquisa documental, numa segunda etapa do trabalho, o tema da literatura para crianças, objeto de minhas perguntas e inquietações.

⁵ A professora Lílian Lopes Martin da Silva é professora assistente doutora da Unicamp, pertence ao departamento DELART (Departamento Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte), e ao grupo de pesquisa ALLE (Alfabetização, Leitura e Escrita), ambos da Faculdade de Educação.

Com os primeiros contatos com o material sobre os COLEs, no trabalho de listar e digitalizar os documentos, surgiu o recorte a ser feito: a literatura para crianças, em sua relação com a escola, mais especificamente os períodos da educação infantil (creche e pré-escola) e dos primeiros anos do ensino fundamental (do primeiro ao quinto ano), já que estes compõem a área de atuação docente do pedagogo.

Tendo estas inquietações presentes, a pesquisa teria por objetivo analisar como neste espaço de reflexão e produção de conhecimento que é o Congresso de Leitura do Brasil se constrói o campo da literatura para crianças na escola através da análise dos materiais, procurando compreender: a) desde quando este assunto está presente nos congressos; b) de que modo e em que dimensão; c) quais as contribuições que os COLEs trazem sobre este tema.

I.2. O Congresso de Leitura do Brasil (COLE)

O Congresso de Leitura do Brasil surgiu em 1978, arquitetado por um pequeno grupo de pesquisadores provenientes da Faculdade de Educação da Unicamp. Este Congresso surgiu num contexto político movimentado, marcado por mobilizações em todo o país, as quais buscavam reconstruir uma sociedade democrática depois de vinte anos de ditadura militar. Essas mobilizações apresentavam reivindicações como eleições diretas e anistia dos exilados pela ditadura, bem como com fortalecimento da luta em alguns setores, por exemplo, o da educação, o do sindicato dos trabalhadores, etc.

O COLE surge, então, como uma tentativa de articular aos movimentos sociais para a democratização da sociedade, um movimento pelo direito à leitura por parte de toda a população, desafio que ainda hoje se coloca para o país e pela democratização dos conhecimentos produzidos em torno do tema da leitura e da educação. Conhecimentos estes produzidos a partir de críticas (em boa parte, provenientes de educadores tidos como de

esquerda) ao que o governo da época anunciava como o “milagre brasileiro”; críticas aos altos índices de analfabetismo e evasão escolar; críticas à pedagogia tecnicista defendida e difundida pela ditadura.

Pode-se dizer, então, que o Cole surge, desde seu início, como um:

“Lugar em que se acredita que a educação era e é atividade de produção dos homens, pelos e para os homens, cabendo nesse lugar exercitar caminhos, encontrar brechas, possibilidades de atuação, espaços possíveis de serem tomados no interior da escola e da sociedade”.(FERREIRA, 2009).

Desde sua primeira edição o Congresso é orientado a partir de temas geradores, em torno dos quais as atividades se estruturam, são eles:

- 1º COLE (1978) – Leitura no Brasil
- 2º COLE (1979) – Pedagogia da Leitura
- 3º COLE (1981) – Lutas pela Democratização da Leitura no Brasil
- 4º COLE (1983) – Leitura na Sociedade
- 5º COLE (1985) – O Professor e a Leitura
- 6º COLE (1987) – A questão dos métodos e os métodos em questão
- 7º COLE (1989) – Nas malhas da Leitura, puxando outros fios.
- 8º COLE (1991) – Leitura: autonomia, trabalho e cidadania no Brasil.
- 9º COLE (1993) – Leitura: conquista de uma realidade
- 10º COLE (1995) – Leitura e Sociedade
- 11º COLE (1997) – A voz e a letra dos excluídos
- 12º COLE (1999) – Múltiplos objetos, múltiplas leituras: afinal, o que lê a gente?
- 13º COLE (2001) – Com todas as letras, para todos os nomes
- 14º COLE (2003) – As coisas, que tristes são as coisas consideradas sem ênfase.
- 15º COLE (2005) – Pensem nas crianças mudas telepáticas
- 16º COLE (2007) – Há muitas armadilhas no mundo e é preciso quebrá-las.

17º COLE (2009) – O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo.

Os Congressos se efetivam sempre na cidade de Campinas, porém os locais de sua realização são variados nas primeiras edições (Centro de Convivência Cultural de Campinas, Prédio da Faculdade de Letras da PUCCAMP, Auditório da PUCCAMP, EEPSC Carlos Gomes, Colégio Progresso). A partir de 8º COLE (1991), todo o evento ocorre dentro da UNICAMP, seja nas salas do Ciclo Básico, seja no Ginásio Multidisciplinar da universidade. Sua periodicidade é bianual, instalada a partir de 1981, e a partir de meados da década de 90 são organizados em seminários de diversas áreas de conhecimento para debate. Os seminários, por sua vez, se organizam em palestras, sessões temáticas, sessões de comunicação, sempre com parcerias de instituições representativas e grupos de pesquisa de universidades importantes.

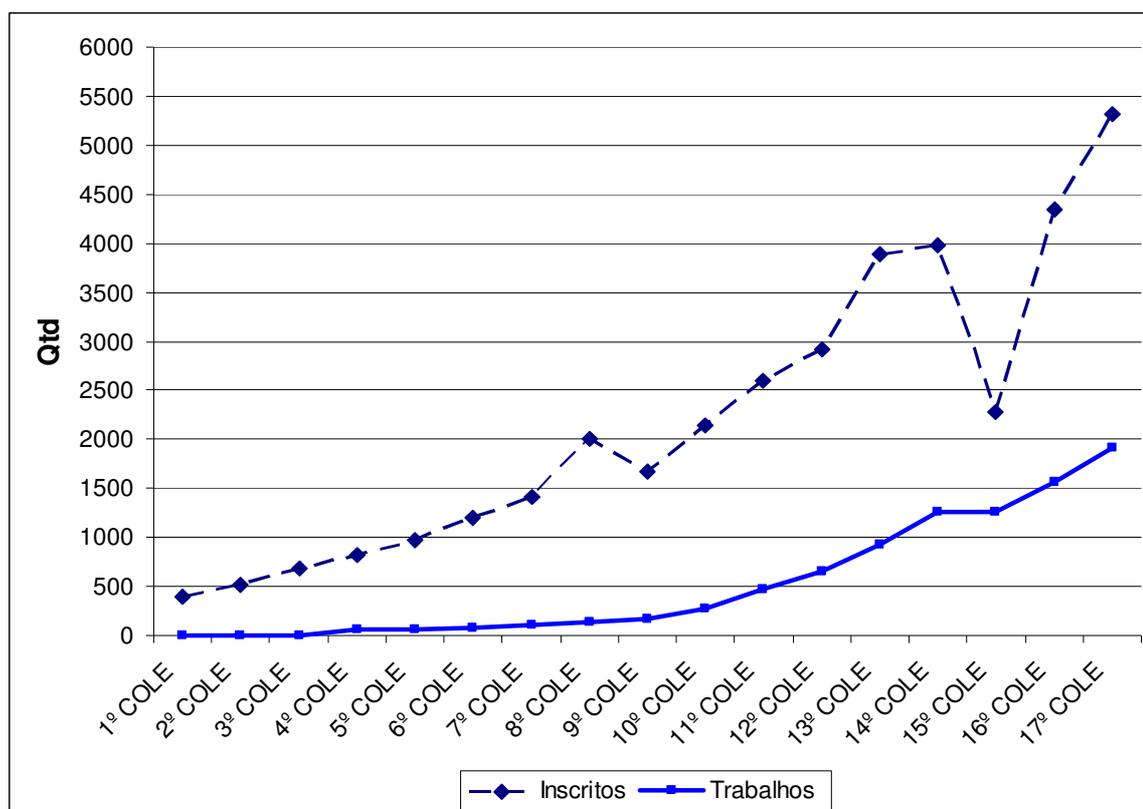
Podemos dizer que, numa primeira fase (1978, 79, 81, 83), o COLE se configura como um espaço em construção. Busca construir reflexões e ser um “lugar de mobilização e confronto de muitas vozes diversas” (FERREIRA, 2009), para que o conhecimento elaborado na área de leitura e educação não fique preso somente dentro das instituições acadêmicas de pesquisa. O conhecimento que o COLE põe em circulação fertiliza o campo e gera outras formas de circulação, como por exemplo, a Associação de Leitura do Brasil (ALB), tema do seguinte capítulo, e a revista *Leitura: Teoria e Prática*, bem como outras revistas e livros especializados que passam a fortalecer o mercado editorial brasileiro.

Com o passar do tempo e das edições do COLE, outros campos para discussão vão se abrindo; os objetivos do evento passam a “agregar outras forças, vindas e produzidas em outras instâncias implicadas no mundo da leitura” (FERREIRA, 2009), percebendo a necessidade de ampliar a discussão sobre a leitura para que promovam, produzam ou possibilitem o acesso à leitura. Sendo assim, em meados da década de 1990, os congressos

passam a incluir novas áreas da educação. Não se restringem mais somente ao tema da leitura e, sobretudo, da leitura do texto literário, assumindo uma perspectiva multidisciplinar que inclui as muitas possibilidades de leitura (como de imagens, da televisão, do cinema, entre outras) e os muitos espaços para além das instituições escolares e acadêmicas. Essa tendência permanece até a edição atual do COLE.

Existem atualmente duas formas de participação no congresso, como ouvinte ou apresentando uma comunicação, a qual deve ser inscrita segundo as normas estabelecidas e passar pela aprovação da comissão organizadora (Quinaglia, 2006). Mas já existiram oficinas no interior de duas edições do evento, a oitava e a nona.

O gráfico a seguir⁶, retirado do relatório do 17º COLE, faz um histórico da trajetória dos eventos, em relação ao número de inscritos e de trabalhos:



⁶ Relatório Técnico Científico/17º Congresso de Leitura do Brasil. Campinas: CNPq, 2009.

É perceptível, então, que a trajetória das inscrições e trabalhos apresentados nos COLE's têm se constituído como de aumento. Mesmo nos momentos de diminuição do número de inscrições, seja por problemas na divulgação ou no cenário sócio-econômico, os trabalhos apresentados estiveram em aumento, o que evidencia a credibilidade do evento em território nacional.

Com todas estas mudanças e ampliação dos temas de discussão, o COLE segue como um importante espaço no qual os diversos atores implicados no mundo da leitura (professores, pesquisadores, autores, críticos, livreiros, entidades, etc) podem discutir a respeito dos conhecimentos produzidos na área. Podem, ainda, trocar experiências e ficar em contato com este mundo, no qual se busca sempre manter o objetivo mais amplo do congresso, que é lutar para que todos tenham possibilidade de acesso às práticas de leitura como exercício de cidadania.

I.3. A Associação de Leitura do Brasil (ALB)

A Associação de Leitura do Brasil (ALB)⁷ surgiu em 1981, após a realização de duas edições do COLE:

“A ALB – ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL - pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos e com duração indeterminada, instituída pelas Assembléias dos Associados inscritos no 3º Congresso de Leitura do Brasil (3º COLE), realizadas nos dias 13 e 14 de novembro de 1981, no Salão Nobre da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, tem sede o foro na cidade e comarca de Campinas (SP) no Anexo II da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Cidade Universitária Professor Zeferino Vaz”.(ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL, 2009).

Em sua fundação foi indicada uma diretoria provisória, sendo a primeira gestão assumida por Ezequiel Theodoro da Silva e estendendo-se até 1987. Os estatutos da instituição foram estabelecidos por um comitê provisório e submetidos à aprovação dos associados durante o 4º COLE, realizado em 1983.

⁷Web site disponível em <<http://www.alb.com.br/portal.html>> Acesso em 28 out 2009

Ela se inicia num contexto de euforia e entusiasmo devido à fundação de várias organizações populares que tinham como objetivo democratizar o acesso à leitura, objetivo esse que baseava também o Congresso de Leitura do Brasil e foi incorporado à associação. De acordo com os referidos estatutos, então, a entidade tem “por objetivo básico lutar pela democratização da leitura no contexto brasileiro” (ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL, 2009).

Uma das primeiras atribuições da Associação é efetivar o CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL – COLE, como diz o estatuto:

“**Art. 3º** - A ALB efetivará as seguintes atividades:

- (a) Um Congresso Bianual de Leitura, intitulado COLE – Congresso de leitura do Brasil, com local, temário e forma de organização definida pela Diretoria, levando em consideração as sugestões do Conselho Consultivo, do Colegiado de Representantes e/ou de Associados em particular.” (ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL, 2009).

Além do congresso, a entidade publica a revista **Leitura: Teoria & Prática**⁸, uma revista impressa semestral, de distribuição nacional, que reúne textos com temas que perpassam as diversas facetas das práticas de leitura na atualidade. Esta revista está com 27 anos e possui 53 números, adquirindo cada vez mais importância como um espaço de discussão sobre a leitura, sem quebrar sua regularidade.

Outro periódico passou a ser produzido pela ALB, a **Revista Virtual Linha Mestra**⁹, uma publicação até o momento bimestral, gratuita, orientada para as discussões sobre leitura, educação, biblioteca, ensino e formação de professores no Brasil.

Criou atualmente a **Coleção de Livros: Leitura e Formação** em parceria com a Global Editora, hoje em sua 6ª publicação, composta por: *O jornal na vida do professor e no trabalho docente; Literatura e Pedagogia: ponto e contraponto; Leituras Aventureiras: por um pouco de prazer (de leitura) aos professores; Escola e Leitura: velha crise, novas alternativas; Escritos sobre jornal e educação: olhares de longe e de perto e Criticidade e*

⁸ Web site disponível em <<http://www.alb.com.br/ltp/numatual.asp>> Acesso em 28 out 2009

⁹ Web site disponível em <http://www.alb.com.br/pag_revista.asp> Acesso em 28 out 2009

leitura: ensaios. São obras voltadas aos diferentes aspectos ligados ao universo da leitura e dos leitores, direcionada, principalmente, aos atores relacionados à formação básica e continuada dos professores, é também do encargo da ALB.

No passado, duas outras coleções resultaram de parcerias com a ALB:

Coleção Leituras no Brasil, (ALB/Mercado de Letras) buscando refletir sobre as diversas formas de leitura e escrita, e sobre os tipos de leitoras e escritores, esta coleção possui os títulos: *30 anos de Literatura para crianças e jovens; Cartografias do Trabalho Docente - Professor(a) Pesquisador(a); Cenas De Aquisição Da Escrita; A Cor Da Língua E Outras Croniquinhas De Lingüista; Diante Das Letras: A Escrita Na Alfabetização; Educação de Jovens e Adultos; Educação Especial: Múltiplas Leituras e Diferentes Significados; Estado de Leitura; O Gesto e suas Bordas: Esboço de Fonologia Acústico-Articulatória do Português Brasileiro; Leituras da Psicanálise -- Estéticas da Exclusão; Leituras do Professor; Leituras no Brasil; Ler e Navegar; Linguagem e Ensino - Exercícios de Militância e Divulgação; Linguagens, Leituras e Ensino da Ciência; Livros, Catálogos, Revistas e Sites Para o Universo Escolar; Políticas Públicas: Educação, Tecnologias e Pessoas Com Deficiências; Porque (Não) Ensinar Gramática na Escola; Uma Outra Escola é Possível! Uma Análise Radical da Inserção Social e da Democracia na Escola do Mundo Globalizado.*

Coleção Histórias de Leitura, também numa parceria com a Mercado de Letras, se compõe pelos livros: *Cultura Letrada no Brasil: Objetos e Práticas; Formas e Sentido – Cultura Escrita: entre distinção; História da Literatura: O Discurso Fundador; Histórias de Cordéis e Folhetos; Histórias e Leituras de Almanques no Brasil; Leitura, História e História da Leitura e Os Caminhos dos Livros.*

Além dessas publicações, a ALB produz um **boletim mensal**¹⁰ que procura dar visibilidade às ações da entidade, além de divulgar o que acontece no mundo da leitura. Realiza o **Seminário Nacional “O Professor e a Leitura de Jornal”**¹¹, hoje em sua quarta edição e que também ocorre em Campinas, na Unicamp, em ano em que a entidade não realiza o COLE.

A ALB também realiza, desde 2004, e numa parceria com a Faculdade de Educação e a Rede Anhanguera de Comunicações o **Fórum Permanente “Desafios do Magistério”**¹². São quatro eventos gratuitos por ano e de um único dia, abertos ao público da região.

As manutenções de seu site bem como a produção de todas as suas publicações e realização de seus eventos fazem da ALB uma referência significativa no campo da leitura, em todo o território nacional. Exigem da diretoria da associação uma atenção constante e dedicação incondicional aos trabalhos da entidade.

Em termos de administração, a ALB possui uma Diretoria¹³ (órgão coordenador e executivo) formada por seis membros com mandato de dois anos; um Colegiado de Representantes formado por dez representantes inscritos na Roda de Pesquisadores da ALB e provenientes das diversas regiões brasileiras e um Conselho Consultivo composto por vinte membros efetivos, selecionados pela Diretoria ouvindo o Colegiado de Representantes, com vigência de dois anos.

Segundo Quinaglia (2006), a ALB passou por duas fases importantes. Uma primeira em seu momento inicial, quando o país estava enfrentando a ditadura militar repressiva e autoritária que reprimia a liberdade de imprensa e de expressão. Neste momento a ALB surge com o foco principalmente de resgatar o direito à livre expressão na produção e divulgação do

¹⁰ Web site disponível em <http://www.alb.com.br/portal/boletim/boletim_31.html> Acesso em 28 out 2009

¹¹ Web site disponível em <<http://www.alb.com.br/portal/eventos/index.html>> Acesso em 28 out 2009

¹² Web site disponível em <http://www.cori.unicamp.br/foruns/magis/foruns_magis.php> Acesso em 28 out 2009

¹³ Web site disponível em <<http://www.alb.com.br/portal/entidade/diretoria.html>> Acesso em 24 nov 2009

texto impresso, sendo a principal preocupação da instituição a democratização da leitura. Para efetivar esta democratização a instituição defende a transformação da escola, de forma à que os professores possam apresentar aos seus alunos os mais diversos textos produzidos pelas sociedades e levá-los, os alunos, a desfrutar criticamente de sua leitura. Pode-se dizer que neste primeiro momento a ALB, juntamente com o COLE, se constituiu numa importante influência no campo das discussões sobre a leitura e a educação, contando com o amplo reconhecimento por ser um dos únicos espaços da época disponíveis para este tema.

O segundo momento da instituição se dá, de acordo com a autora citada anteriormente, com a reorientação das metas da ALB, que ocorre devido às alterações dadas no contexto social com o passar do tempo, exigindo reflexões e problematizações diferenciadas. Os novos contornos das metas da instituição passam agora para o esforço de construir um espaço de análise e discussão crítica sobre as condições de leitura atualmente no país, considerando que a liberdade de expressão foi reconquistada, porém o acesso à produção disponível não está ao alcance de todos.

Nesta fase, que se prolonga até o momento atual, a ALB busca, assim como o COLE, garantir o acesso da maioria da população à cultura e à educação, proporcionando um lugar de luta pela efetiva garantia do exercício da cidadania pela maioria excluída.

II. PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

II.1. Literatura para crianças educa?

“Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo” (Abramovich, F. 1997, p. 14).

A literatura para crianças, em sua origem, já tinha bem estabelecida sua relação com a educação, compreendendo que toda a literatura educa e que para crianças a literatura teria ainda mais importância no processo de ensino.

Como coloca Regina Zilberman (2008), desde a Grécia Antiga, ainda com o nome de poesia, a literatura assumiu a propensão ao caráter educativo, sendo utilizada para oferecer ao povo modelos e padrões de comportamento, de sociedade, de política, ou justificar os modelos em vigor. Neste sentido, a autora coloca que as mudanças ocorridas até a literatura adotar este nome não alteraram sua propensão educativa. Podemos dizer, então, que a noção de que “o texto poético favorece a formação do indivíduo, cabendo, pois, expô-lo à matéria prima literária, requisito indispensável a seu aprimoramento intelectual e ético” (ZILBERMAN, 2008, p. 18) continua sendo aceita com o passar do tempo. Neste momento temos, então, que a literatura como um importante meio de aprendizado estava presente, o contato com os textos literários sendo importante para desenvolver características desejáveis nos indivíduos em formação.

Na escola a literatura entra como disciplina com o surgimento da sociedade burguesa na França, por vários motivos, um deles, e talvez o mais importante, sendo sua utilização da língua. Oportunizando a construção de uma língua nacional e de uma homogeneidade na disciplina escolar, a literatura foi considerada uma das poucas modalidades artísticas relevantes para entrar na escola, por suas características importantes para a organização do Estado Burguês.

Pode-se observar, assim, que a literatura no momento de sua entrada na escola continuou sendo educativa, porém em outros moldes. A natureza de seu caráter educativo se altera de uma finalidade de desenvolvimento do indivíduo, ou seja, de uma finalidade ética e intelectual envolvendo seu conteúdo, e passa a envolver o aspecto lingüístico dos textos. O conteúdo é ainda relevante, mas não mais o centro das considerações e nem apenas ligado à formação do sujeito, mas à sua adequação ao Estado Burguês.

Desde este momento, a importância do ensino da literatura no interior da escola passa a incorporar uma dupla dimensão: 1) ajudar a conhecer e valorizar a norma lingüística nacional, considerada como culta e correta; 2) a literatura passa a ser acionada para construir histórias nacionais por sua dimensão histórica, inclusive sendo utilizada para legitimar a construção de países, como no caso do Brasil.

No Brasil, a literatura, de forma geral, se entrelaça fortemente com este projeto de construção da nacionalidade durante o processo de constituição do país. Na dimensão da literatura, esta construção seria através da demonstração da autonomia lingüística e cultural que personalizariam o país.

A literatura para crianças tem sua articulação com a construção da sociedade em que se insere de forma ainda mais marcante. Isso porque, enquanto gênero, só pode ser inteiramente compreendida levando em conta sua relação com a instituição escolar, e a escola é um lugar privilegiado para a construção de ideologias, apesar de não ser este seu propósito explícito.

O livro *Um Brasil para Crianças*, de Lajolo e Zilberman, recupera esta noção quando coloca que:

“... sua articulação [da literatura] com o social impõe-se de maneira ostensiva, na medida em que sua produção e circulação costuma ser mediada por uma das instituições que com maior nitidez incorpora e reproduz a estrutura social de uma certa forma histórica: a escola”.(1993, p. 11).

Coloca-se, assim, que o ensino da literatura possui sentido na escola enquanto a estrutura social que deu origem aos textos escolhidos para leitura continua sendo aceita; nos momentos de mudanças nos paradigmas, o ensino da literatura passa por alterações profundas. Levando em conta que, apesar do texto literário na escola ter essa força de imposição de valores, de ideologia, de representações, de formas de ver, sentir, pensar, etc, não se pode tomá-lo como um aspecto da leitura totalmente absoluto e hegemônico.

À produção e escolha do texto une-se o pólo da recepção, ligado ao sujeito leitor, pertencente a um grupo que partilha formas de ler, de entender, etc. Esse pólo também produz sentidos de leitura, não apenas os textos. Ou seja: os textos literários, mesmo comprometidos com o programa social burguês, mesmo inseridos na escola, no sentido de atender a formação de uma homogeneização lingüística, são recebidos, lidos, utilizados, entendidos, numa força que nem sempre é desprovida de relativa liberdade e criatividade, característica do sujeito leitor.

A CRISE NA LEITURA

Atualmente fala-se na existência de uma “crise de leitura” em nível global, e de uma crise do ensino de literatura. Esta crise costuma ser reportada: a) Com relação aos alunos (leitores), a sociedade aponta a falta de leitura e o desinteresse pela literatura, enquanto expressão artística; b) Os professores são apontados pela sua falta de eficiência no processo de escolarização e falta de leitura, o que geraria também o desinteresse dos alunos.

Se a crise é de leitura, não parece ser de produção de livros, e um fato que demonstra isso é que o mercado editorial continua em expansão e distribui livros (principalmente através da compra dos governos) para as escolas. Se há uma crise, como explicar o êxito de Harry Potter?

O texto inicial do 12º Cole recupera esta discussão quando coloca outros números do mercado editorial como, por exemplo, números relativos ao livro *O Xangô de Baker Street*, o

qual anunciava na capa que haviam sido vendidos, em junho de 1998, 4 milhões de livros no Brasil (ABREU et al., 2009). Frente a dados como esse, uma sentença considerada ‘fora de discussões’ seja em ambientes acadêmicos ou conversas informais, é a de que o brasileiro não lê.

Tal colocação é dita como ‘certeza’, sem qualquer questionamento, e vem acompanhada da posição de que este é um país sem cultura, no sentido de que a população geral não tem cultura nem valores.

Cabem algumas questões, então: Afinal, que crise é essa? A quem interessa esse discurso? A que material de leitura ela se relaciona, caso exista? A todo e qualquer um?

Sobre a crise da leitura, Regina Zilberman (2008) coloca que a falha no ensino de literatura residiria na concepção de que a literatura deixou de ser educativa, os livros existentes não estão mais de acordo aos padrões que a sociedade havia construído tempos atrás, em outras palavras, a literatura perdeu a eficácia esperada pela burguesia no momento da inserção do gênero na escola. Ou seja, o problema não está na colocação de que existe uma crise na leitura, e sim no que está subentendido no debate, porque este tem por pressuposto certo tipo de leitor e de leitura, como se somente estes trouxessem muitos benefícios para os alunos, a população e o país.

Este discurso da falta de leitura se mistura com a concepção burguesa de certo modo de ser, o qual coloca um ideal de leitor, e um ideal de material de leitura. Todas as outras formas de escrita, e mesmo os livros materialmente iguais aos livros ‘certos’, são não-livros, e, portanto seu público se constitui de não-leitores, já que não executa a ‘verdadeira’ leitura.

As virtudes da leitura só são garantidas àqueles que lêem ‘realmente’, ou seja, lêem os livros certificados pela escola, por uma tradição da crítica literária, sendo que frases os gibis, ou os livros de banca de jornal são encarados com desprezo e de leitura sem mérito. São pressupostos como estes que levam a campanhas de incentivo à leitura, supondo que as

peessoas não lêem, e não o fazem pela falta de estímulo e pelo desconhecimento do ‘maravilhoso’ mundo da leitura.

No texto de apresentação do 12º COLE, a questão apontada para ser debatida seria, antes de apresentar às pessoas o mundo da leitura, verificar quais os fatores, sejam sociais, políticos, econômicos ou culturais, promovem ou desfavorecem os diversos tipos de leitura, ou até mesmo a leitura em geral.

Com a presente pesquisa, analisar o movimento das reflexões a respeito de literatura para crianças, entre nós e ao longo do tempo, representa um esforço de compreender estes fatores através dos diferentes significados que a literatura tem assumido no interior da escola. Leva em conta que a sociedade atual tem passado por mudanças profundas e a literatura na escola se coloca em um momento de dificuldade, na medida em que se depara com ferramentas como os meios tecnológicos de comunicação.

Este contexto justifica um olhar para as produções sobre o tema da literatura para crianças na escola; sobre o que tem sido entendido como significado e finalidade da presença destes textos literários em sala de aula. Como afirma Lajolo, “é por se tornar alvo de uma reflexão acadêmica, perpassada pelos instrumentos propiciados pela teoria, e objeto de uma visão desmistificadora, que a literatura infantil pode almejar libertar-se...” (LAJOLO, 1993, p.257).

Isso porque a crise traz para a área do ensino de literatura questionamentos quanto à sua função educativa, já que esta não é mais a mesma do passado e não está adequada à sociedade atual. Ainda de acordo com Regina Zilberman (2008), este fato é a raiz dos problemas com leitura na escola, é desta inadequação da função da literatura no interior da escola que advém a falta de interesse dos alunos, e não de uma falta de cultura da população.

É somente com a formação do leitor que o ensino de literatura tem condições de progredir, já que é a leitura que valida a literatura, na medida em que o leitor pode expandir o

conhecido, vivenciar problemas e soluções articulando a imaginação com a razão. Conhecer a língua é um meio para o ensino de literatura, porém não seu objetivo principal. Em outras palavras, é do contato do leitor com a literatura que pode emergir a “possibilidade de um conhecimento do real, ampliando os limites – até físicos, já que a escola se constrói como um espaço à parte – a que o ensino se submete” (ZILBERMAN, 1986, P.21).

O tema se faz especialmente importante se tiver por base a consideração de que

“A literatura pode ser tudo (ou pelo menos muito) ou pode ser nada, dependendo da forma como for colocada e trabalhada em sala de aula. Tudo se conseguir unir sensibilidade e conhecimento. Nada, se todas as suas promessas forem frustradas por pedagogias desencontradas” (SILVA, 2008, p. 46).

Assim, reunir e refletir sobre as propostas para o trabalho com a literatura na escola, durante os trinta anos do Congresso de Leitura do Brasil, um evento nacional que, desde seu início em 1978, se dedica a pensar sobre o tema da leitura, vem da posição de que a literatura educa, mesmo que, como coloca Amarilha, “esta educação [tenha] um caráter formativo que não se presta ao domínio escolarizado de pontos, deveres e notas” (2003, p.49).

Mais do que isso, é uma tentativa de compreender para onde se dirige o que o texto *Descomplicando o Ensino de Literatura* (SILVA, 2008) chama de “a nau da literatura nos oceanos escolares”.

II.2. Pesquisas Documentais

Primeiramente, é necessário especificar que a pesquisa documental cobre uma ampla variedade de fontes à disposição da pesquisa social, desde estatísticas oficiais, fotografias, até textos escritos e dados visuais em geral. Este tipo de pesquisa possui um lugar importante na pesquisa social devido ao seu potencial de informar as decisões tomadas pelas pessoas diariamente e em longo prazo, e nos trazem leituras particulares dos eventos sociais (MAY, 2004).

Apesar desta importância e abundância de fontes não existe muito material escrito sobre este método, Tim May (2004) levanta três hipóteses sobre o porquê:

1. As influências das teorias positivistas podem levar à rejeição de pesquisas que utilizam documentos, sendo baseadas em uma noção limitada de ciência. Com relação a esta colocação pode-se dizer que estas fontes trazem riqueza para as pesquisas sociais.

2. Frequentemente se pensa que as pesquisas em disciplinas das ciências sociais não são compatíveis com a pesquisa histórica, colocando-se em cheque a relação entre história e pesquisa social. Sobre este ponto pode-se colocar que a “natureza das relações sociais, políticas e econômicas passadas está lá para que vejamos através de atos de pesquisa histórica que nos permitem refletir sobre questões contemporâneas” (MAY, 2004, p. 207).

3. Uma questão importante diz respeito à natureza da pesquisa documental enquanto método. Em comparação com outros métodos a pesquisa documental ainda não é aceita como tal, levantando-se que o fato de uma pesquisa colocar que utilizará documentos não está dizendo nada sobre como eles serão utilizados. Porém, pode-se dizer que a questão de como os documentos serão utilizados é claramente uma questão metodológica, existindo diversas metodologias para a utilização de documentos na pesquisa social. Foucault levanta um ponto interessante a respeito de uma metodologia do trabalho com documentos enquanto tributos ao passado quando coloca que “a história é o que transforma *documentos* em *monumentos*”. (FOUCAULT, 1989 apud MAY, 2004, p. 207).

Podemos considerar, então, que a questão que traz críticas à pesquisa documental origina-se do *como* os documentos são utilizados, e não de sua utilização. As abordagens em relação aos documentos podem ser diferentes, no entanto há que se ter consciência de que as fontes documentais estão adquirindo cada vez mais importância na pesquisa, devido principalmente à crescente disponibilidade de dados com os avanços da tecnologia,

especialmente através da internet. Assim é importante conhecer como as fontes documentais podem ser utilizadas, bem como quais são elas.

AS FONTES DOCUMENTAIS

As fontes documentais não se restringem, como já foi ressaltado, a documentos históricos, como leis, declarações estatutárias, notícias publicadas em meios de comunicação “confiáveis” e conhecidos. Pode-se afirmar que com a transformação nos modos de entender a história a “noção de ‘documento’ sofreu uma renovação radical, sofrendo uma ampliação, articulando-a e desenvolvendo uma nova percepção das fontes e uma nova organização dos arquivos” (SECO, 2003, p.6). John Scott define documento de maneira ampla, para ele “um documento no seu sentido mais geral é um texto escrito...” (SCOTT, 1990 apud MAY, 2004, p.209).

A lista de materiais que podem ser considerados fontes documentais para a pesquisa social é, então, bem extensa, vai desde os citados documentos oficiais, governamentais, até romances, desenhos, livros, conteúdo de mídia de massa, biografias, diários, fotografias, incluindo os traços físicos, dados que não foram produzidos visando o propósito de comparação e inferência, mas que podem ser utilizados para realizar uma investigação.

Cabe aqui uma consideração a respeito dos documentos que podem ser utilizados no trabalho e na análise de pesquisas que possuem a história de vida como método. Estão incluídos neste quesito os diários, ou “documentos de curso de vida” devido ao seu caráter de registro contemporâneo ao curso de vida, bem como as biografias e autobiografias, diversas do diário devido terem a particularidade de serem construídas a partir do passado.

Uma última consideração importante sobre as fontes documentais seria pensar sobre as maneiras de classificação dos documentos; sobre isso a literatura tende a apontar três grupos principais:

1. Quanto à origem: documentos podem ser primários – materiais escritos ou coletados, testemunhas dos eventos descritos; secundários – escritos por pessoas que não testemunharam pessoalmente o evento; ou terciários – materiais produzidos para auxiliar a localização de outras referências, esse último tipo inclui os manuais de referência, índices, e também as ferramentas de busca e os portais de conteúdos da internet.

2. Quanto ao acesso: documentos privados – acessados com permissão do dono - e documentos públicos; estes possuem vários graus de acessibilidade: documentos proibidos – protegidos por alguma lei de serem acessados, documentos restritos – materiais que podem ser acessados somente por determinados cargos públicos, documentos abertos – podem ser acessados por qualquer pessoa, é a maior categoria e inclui os registros de nascimentos, casamentos, morte, registros policiais, tributários, entre outros. Além destas categorias existem também os documentos publicados-abertos.

3. Quanto à produção: documentos solicitados – produzidos visando à pesquisa e documentos não-solicitados – produzidos para uso pessoal.

A coleta das fontes depende tanto das perspectivas do pesquisador e do tema da pesquisa quanto do tempo e dos recursos disponíveis para coleta de dados, considerando que, como foi visto anteriormente, as fontes são extensas, porém nem todas estão disponíveis ao acesso. Sendo assim, pode-se dizer que, muitas vezes, “junto com um entendimento das questões e métodos da pesquisa social, a prática requer imaginação” (MAY, 2004, p.217).

PROCESSO DA PESQUISA DOCUMENTAL

O primeiro passo deste tipo de pesquisa, após coletar as fontes, seria conceituar os documentos utilizados. Sobre este assunto existem várias correntes diferentes, algumas consideram o documento como reflexo da realidade, outras introduzem na leitura do documento o contexto social e político mais amplo, outras ainda colocam a ênfase na abordagem semiótica da análise textual.

Mesmo no interior das abordagens críticas de fontes documentais não existe um consenso. Alguns projetos críticos, por exemplo, os trabalhos de Foucault e Barthes, não estão tão preocupados com o relacionamento entre o autor e o texto, pensando mais em analisar as maneiras de relação entre o documento e o presente. Neste ponto entra uma questão importante de se o texto seria um tópico *de* pesquisas ou um recurso *para* pesquisas. Entrando no contexto da pesquisa em educação pode-se dizer que a história em geral e a história da educação em particular vêm se utilizando cada vez mais destes caminhos, nos quais “essas novas fontes que vêm sendo incorporadas pelas pesquisas mais recentes têm sido também transformadas no próprio objeto de pesquisa” (LOPES; GALVÃO, 2001, p.82).

De acordo com May (2004) existem três níveis de significados que podem ser utilizados na abordagem de um documento: primeiro, os significados que o autor queria passar, ou seja, a relação entre o autor e o documento; segundo, os significados construídos pelos leitores, os quais incluem o contexto social no qual o documento se insere; terceiro, os significados internos do texto, análise semiótica. A pesquisa documental procuraria, então, analisar estes três significados dos documentos, porém nem todas as pesquisas analisam os três níveis ao mesmo tempo, existem pesquisas que se concentram em um ou outro nível em seu desenvolvimento.

Depois de discutir a questão dos significados do documento é importante pensar sobre a avaliação da qualidade das evidências disponíveis a partir das fontes documentais. May (2004) propõe quatro critérios para realizar a avaliação:

1. Autenticidade: pode-se avaliar este ponto observando se os dados são genuínos, se não foram corrompidos ou adulterados (sendo que a adulteração fica perceptível quando o texto possui inconsistências internas ou existe mais de uma versão do documento), se o documento está datado e localizado, se o documento é primário, a precisão do relato em relação ao evento e se a autoria pode ser validada.

2. Credibilidade: para verificar a credibilidade do documento é importante empregar outras fontes sobre o contexto social, político e econômico do autor, estabelecendo, na medida do possível, se a evidência é sincera e quais as possíveis distorções sofridas.

3. Representatividade: estabelecer se o documento é típico ou não, a questão da utilização de documentos típicos ou atípicos depende dos objetivos da pesquisa, sendo somente importante justificar a escolha do documento, seja enquanto típico seja enquanto atípico.

4. Significado: refere-se à clareza e compreensão do texto.

O último passo da análise de uma pesquisa seria realizar uma análise do conteúdo, os estágios sugeridos são três: estabelecer o problema de pesquisa, recuperar o texto dos documentos, empregar métodos de amostragem de material, interpretação e análise dos dados coletados.

Para realizar a análise do conteúdo podem ser utilizadas as abordagens quantitativas ou qualitativas. Para a análise da abordagem quantitativa o que se observaria no documento seriam os padrões de regularidades no texto considerando a repetição de frases, palavras ou expressões. Para este tipo de análise os programas de computador auxiliam bastante, na medida em que auxiliam a buscar palavras ou frases no interior do texto, facilitando a transformação de palavras ou frases em números, os quais seriam indicativos da significação no documento. A abordagem quantitativa das pesquisas documentais possui um problema quando se leva em conta que a frequência com que determinada frase aparece no texto não diz nada sobre o significado que está sendo utilizado no contexto do documento.

Defendo a opinião, também expressa por May (2004), de que a abordagem qualitativa é mais consistente com uma pesquisa documental crítica. Porque nesta abordagem a análise dos dados deve levar em conta os três níveis de significados já citados, que seriam o

pretendido pelo autor ao produzir o texto, o que os leitores potenciais entenderiam do documento e, por fim, analisar o significado do próprio texto.

Assim não se analisa o documento por um só nível e sem questionamentos, como ocorre ao realizar a contagem das palavras e classificar o documento pelos números coletados. A flexibilidade de abordar o texto a partir do entendimento do conteúdo e do contexto proporciona montagens que podem criar tendências, seqüências, padrões e ordens diferentes para cada contexto de pesquisa, sem esgotar os significados do documento.

Com isso, a pesquisa com uma abordagem qualitativa pode adotar uma posição crítico-analítica, levando em conta que os documentos representam a realidade. Entretanto, tentam impor sua autoridade sobre o mundo social que descrevem, podendo ser “caracterizado pela exclusão de informações valiosas e a caracterização dos eventos e das pessoas de maneiras particulares de acordo com certos interesses” (May, 2004, p.226). Compreendendo desta forma os documentos, pode-se utilizar este tipo de pesquisa para produzir compreensões mais ricas e valiosas das sociedades, atuais e do passado, bem como das dinâmicas sociais.

II.3. Pesquisa “Estado da Arte”

As pesquisas do tipo “Estado da Arte” têm em comum o objetivo de mapear e catalogar os conhecimentos produzidos em determinada área e tempo, tentando perceber quais as possibilidades exploradas, quais os dados e suas análises que os pesquisadores da área estão considerando relevantes.

Esta abordagem metodológica é uma pesquisa documental de caráter bibliográfico, que, como aponta Ferreira (2002) vêm crescendo para um número significativo de trabalhos nos últimos anos. A hipótese levantada pela autora é de que este crescimento se deve à sensação de que, no conjunto cada vez mais amplo de produções científicas, existe um não

conhecimento da totalidade destas obras, falta uma articulação entre a produção feita pelas diversas instâncias de formação, principalmente no nível da pós-graduação.

De maneira geral, as pesquisas denominadas “Estado da Arte” procuram mapear e conhecer o já produzido antes de construir um conhecimento novo, sendo que este conhecimento teria por objetivo a divulgação, para a sociedade, do saber cada vez mais amplo e profundo que está sendo produzido em determinada área.

Os pesquisadores desta área¹⁴ têm utilizado como fonte documental os catálogos de universidades, faculdades ou institutos, associações nacionais e órgãos de fomento à pesquisa, pois eles permitem o rastreamento do já construído em determinada área, auxiliando a pesquisa bibliográfica.

A organização dos catálogos, de modo geral, traz o título dos trabalhos, os nomes do autor, do orientador, do local, da data de defesa e área da pesquisa. Atualmente também estão inclusos os resumos, ponto importante para as pesquisas documentais, já que o resumo oportuniza o contato com o objetivo da pesquisa, embora este contato seja limitado e, muitas vezes, sem todas as informações.

Nestes últimos anos ocorreu também o fortalecimento de uma política de divulgação dos trabalhos científicos, como coloca Ferreira,

“... com o fortalecimento da produção acadêmica - científica, com pesquisas que emergem em diferentes programas de pós-graduação pelo país, um movimento se transforma em empenho de diferentes entidades (faculdades e associações de financiamento de pesquisas) para o estabelecimento de uma política de divulgação de seus trabalhos científicos. E uma das formas é através de catálogos, inicialmente impressos e, mais tarde, em forma de CD-ROM”.(2002, p. 260).

É neste contexto de fortalecimento da divulgação e rastreamento dos conhecimentos produzidos por instâncias de produção de conhecimento que o presente trabalho se insere. Após reunir os documentos produzidos pelo COLE, a pesquisa procurou selecionar os trabalhos que tinham por tema a relação entre os livros para crianças e a escola, a fim de

¹⁴ Sobre esse assunto cf. Ferreira, Correa e Kauchakje, entre outros.

compreender como este tema vem sendo tratado, procurando explicitar desde quando o tema está presente no COLE, em que quantidade e, além disso, qual o conteúdo das contribuições trazidas nos congressos. Resumindo, a pesquisa buscou investigar os documentos e construir uma visão do tipo “Estado da Arte” em literatura para crianças e escola nos trinta anos de Congresso de Leitura do Brasil.

III. O TRABALHO COM AS FONTES DOCUMENTAIS

Podemos dizer que não está tão bem desenvolvido e valorizado entre nós, o espaço para a divulgação e articulação das pesquisas do tipo estado da arte, em outras palavras, estamos num momento no qual se “constata uma produção estudos e de pesquisas sobre determinada área de conhecimento que apresenta um crescimento tanto qualitativo quanto quantitativo, mas que foi pouco divulgada, analisada e articulada” (FERREIRA, 2001, p.51).

Neste sentido, a primeira fase da pesquisa consistiu na elaboração de um inventário das fontes sobre os COLE's, disponíveis para coleta de dados. Foram rastreados, dentro da sede da Associação de Leitura do Brasil¹⁵, todos os materiais produzidos antes, durante e depois dos 16 Congressos de Leitura do Brasil. Trata-se de uma gama de materiais variados e que poderiam ser tomados como fonte de pesquisa dos congressos em seus trinta anos: panfletos escritos; programas; fotos; camisetas; sacolas; textos manuscritos; textos impressos; fitas de vídeo; fitas K 7; fitas de rolo; material promocional; cartazes; etc.

Um primeiro recorte foi feito por nós já na separação deste material, congresso a congresso. Apenas trabalharíamos com o material escrito, em sua variedade. Deixaríamos de lado todo o material iconográfico e também em áudio. Nosso interesse maior nessa fase era reunir um material que pudesse ser digitalizado/tratado para disponibilização ao conjunto de pesquisadores no site da entidade e posteriormente investigar nosso tema de trabalho.

Neste primeiro momento, reunindo os diversos materiais escritos encontrados e classificando-os de acordo com as edições do congresso, foi percebido que não existe uniformidade nos documentos produzidos ao longo do tempo. Os materiais confeccionados e preservados no período inicial dos congressos são em menor quantidade e, conforme as edições vão se sucedendo, aumenta o número de documentos preservados.

¹⁵ A Associação Brasileira de Leitura se localiza no interior da Unicamp, no prédio Anexo II da Faculdade de Educação.

Realizando a classificação e divisão desse material, por edição do Cole, foram encontradas as Programações (culturais e acadêmicas) e Cadernos de Resumos (ora da programação oficial, com o resumo das conferências e palestras feitas a partir do áudio; ora das sessões de comunicação) de todos os eventos. Quanto aos anais, nem todos os COLE's o possuem, sinalizando que não foram confeccionados anais.

Os materiais que foram encontrados em todas as edições do congresso são: um pequeno impresso com o resumo das sessões de comunicação e uma programação geral elaborados pela organização. Conforme os eventos se sucederam os documentos foram se tornando mais completos, sendo disponibilizados também no meio digital (CD-ROM) a partir do 12º Cole.

Após esta classificação, ficando clara a necessidade de disponibilizar uma memória dos eventos, houve uma investigação sobre como levar a cabo esta tarefa. Consultada a Biblioteca da Faculdade de Educação da Unicamp, levantou-se que existia a possibilidade de passar os documentos para a forma digital, utilizando os serviços disponíveis na Unicamp à comunidade.

Foi decidido, então, que a melhor forma de divulgação seria digitalizar os documentos existentes na sede, de forma conservar a máxima fidelidade ao formato original do material, e anexá-los no web site do evento¹⁶, de forma a que os participantes, ou qualquer interessado pelo evento, pudessem acessá-los e conhecer os materiais dos Congressos de Leitura do Brasil, em seus trinta anos.

Este trabalho se colocava como necessidade, tendo em vista que aumentou o número de instâncias que hoje oportunizam o espaço virtual para a pesquisa; também porque se aproximava o 17º COLE e a celebração dos 30 anos de COLE se colocava em sua programação. Há que se considerar, igualmente, que a mesma varredura ou mapeamento de

¹⁶ Web site disponível em: <<http://www.alb.com.br/portal/eventos/index.html>> Acesso em 22 out. 2009.

documentos e outros materiais vem sendo desenvolvida por outros grupos e comunidades de interesse.

Não a totalidade dos diversificados documentos acumulados sob a forma de arquivo e memória, disponíveis na sede, foi selecionada para ser digitalizada. Muitas das edições possuíam vários materiais iguais; também havia documentos relativos ao processo de construção dos Congressos (rascunhos, textos manuscritos, etc.), que neste momento não foram o foco da pesquisa.

Do total foram selecionados os seguintes documentos:

1º COLE (1978) - caderno de resumos e caderno de programação geral

2º COLE (1979) - caderno de resumos

3º COLE (1981) - caderno de programação geral e caderno de resumos

4º COLE (1983) - caderno de resumos

5º COLE (1985) - caderno de programação; caderno de resumos das sessões de comunicação; volume de anais dos trabalhos inscritos; volume de anais das comunicações oficiais;

6º COLE (1987) - programação e caderno de anais das conferências e mesas redondas

7º COLE (1989) - caderno de resumos; programação geral e programação cultural paralela; anais;

8º COLE (1991) - programação geral; resumo das comunicações oficiais; elenco das oficinas; sessões de comunicação; programação cultural; errata e complementação do programa;

9º COLE (1993) - caderno de programação geral; folder do programa; resumo das comunicações; volume I dos anais;

10º COLE (1995) - caderno de programação oficial e resumos; folder do programa;

11º COLE (1997) - caderno da programação geral e resumo das comunicações; folder do programa.

A partir da 12ª edição do COLE, a organização disponibilizou CD-ROM com documentos relativos ao congresso, já existentes também no web site do evento¹⁷.

A BIBLIOTECA DIGITAL DA UNICAMP

Decidido o trabalho a ser realizado com os documentos, neste primeiro momento, foi necessário realizar uma exploração para buscar em quais lugares existiam recursos tecnológicos para efetivar o trabalho de digitalização dos materiais. Para isso perguntou-se junto à biblioteca da Faculdade de Educação e foi indicado que na Biblioteca Central da Unicamp existia um espaço para este tipo de trabalho, a Biblioteca Digital da Unicamp.

É importante trazer um breve histórico deste departamento, existente na Biblioteca Central da Unicamp.

Devido ao surgimento de muitas formas de tecnologias e meios de armazenamento em massa, a tendência mundial das bibliotecas é de disponibilizar seus arquivos de forma digital, para a conservação, disponibilização e compartilhamento dos conteúdos da biblioteca, de modo a facilitar e oportunizar o desenvolvimento de pesquisas.

O Sistema de Bibliotecas da Unicamp, procurando disseminar o conhecimento produzido para a comunidade externa e externa de maneira ainda mais eficiente, começou no ano de 2001 a vislumbrar a possibilidade de estruturar a Biblioteca Digital de Teses da Unicamp, disponibilizando no formato digital a produção científica da Universidade.

A Biblioteca Digital da Unicamp foi oficialmente instituída em 08/11/2001, com sede no interior do prédio da Biblioteca Central, através da portaria nº GR-85, disponibilizando às comunidades interna e externa, bem como nacional e internacional, a produção científica, acadêmica e intelectual da Universidade em formato digital e com o texto completo, incluindo: artigos, fotografias, ilustrações, teses, obras de arte, registros sonoros, revistas, vídeos e outros documentos. A Biblioteca tem por objetivo atingir:

¹⁷ Web site disponível em: <<http://www.alb.com.br/portal/eventos/index.html>> Acesso em 22 out. 2009.

- Agilidade na divulgação e obtenção da informação;
 - Disponibilização on-line de documentos acadêmicos e científicos produzidos na UNICAMP, para a comunidade acadêmica interna e de outras instituições de pesquisa nacionais e internacionais;
 - Uso simultâneo do documento por vários pesquisadores, nos seus próprios ambientes de trabalho;
 - Acesso ininterrupto à coleção, biblioteca 24 horas;
 - Biblioteca distribuída e acessível por várias classes de usuários da Internet;
 - Preservação dos originais.
- (SBU. Acesso em: 22 out. 2009).

O contato com a biblioteca digital foi através do Programa de Acesso à Informação Eletrônica, PAI-e¹⁸. Este é um serviço do Sistema de Bibliotecas da Unicamp, cujo objetivo é “gerenciar e promover o uso das fontes de informação em meio eletrônico (Bases de Dados, Periódicos Eletrônicos, Bibliotecas Virtuais, etc.), disponíveis para a comunidade científica da Universidade” (SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP, 2009), através de vários dispositivos, um deles sendo o responsável pelo suporte e treinamento à comunidade da Unicamp no uso dos recursos eletrônicos disponíveis.

O programa possibilitou a capacitação na utilização do aparelho de digitalização, bem como a preparação dos materiais para a digitalização (desencadernamento e refilamento). Com o conhecimento de como proceder para a digitalização, foi informado que a realização do trabalho poderia ser feita na própria Faculdade de Educação, já que quase todas as Faculdades e Institutos da Universidade possuem os recursos tecnológicos necessários para a digitalização do material.

O PROCESSO DE DIGITALIZAÇÃO

No primeiro contato com a Faculdade de Educação ocorreram alguns desencontros. Num primeiro momento não foi localizado o aparelho para a digitalização, devido ao desconhecimento deste recurso (digitalização) poder ser realizado pelo aparelho que também se ocupava da impressão e que estava disponível o tempo todo e em vários locais.

Depois do esclarecimento de qual era o aparelho, chegou-se ao seguinte: ele estava disponível nas Coordenações de Graduação e Pós-Graduação, nos Departamentos e no

¹⁸ A responsável pela coordenação do PAI-e é a funcionária Regina Vicentini.

Laboratório de Informática, dentro da sala dos alunos, e a sua utilização poderia ser feita, portanto, por alunos, docentes e funcionários da Faculdade de Educação. Assim pode-se dizer que o trabalho de digitalização gerou uma movimentação em torno do tema e a consequente disponibilização do recurso para a digitalização do material abriu um precedente para que outros trabalhos neste sentido possam ser realizados com maior facilidade.

O processo de digitalização das fontes documentais foi realizado no aparelho da sala dos alunos do Laboratório de Informática, com alguns percalços pela não familiaridade com a tecnologia utilizada, o que causou algumas lacunas e problemas nos arquivos. Para solucionar estes problemas foram necessárias a correção e formatação dos arquivos, sendo que o programa para esta correção só está disponível na Biblioteca Central da Unicamp.

Outro momento de capacitação na Biblioteca Digital foi necessário, nesta oportunidade para realizar as tarefas de edição dos arquivos, bem como de refilamento de outros materiais para a organização do produto em formato final possível de ser indexado na web e, ao mesmo tempo, de leitura compreensível e esteticamente agradável.

IV. ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O processo de coleta dos dados se desenvolveu através da consulta ao material digitalizado no início da pesquisa, como fonte documental para as primeiras edições do Congresso de Leitura do Brasil, e dos anais digitais disponíveis no web site¹⁹ da Associação de Leitura do Brasil para as últimas edições.

Como o foco da pesquisa foi analisar a produção de conhecimento sobre a relação entre a literatura para crianças e a escola, em suas séries mais iniciais, foi necessária a seleção dos trabalhos que fariam parte deste tema. Para localizar e selecionar tais trabalhos, a solução encontrada foi ler todos os títulos trazidos pelos anais e cadernos de resumos. Mesmo em se tratando de um material digital, a busca por palavras - chave não foi possível, devido ao tipo de arquivo e à consideração de que esta ferramenta não abrangia a totalidade dos trabalhos sobre o tema. Os títulos nem sempre correspondiam à descrição do assunto abordado, além de que a fonte não trazia a categoria 'assunto' como forma de classificar os trabalhos.

Nos momentos de dúvidas sobre a localização de um trabalho neste ou naquele foco da pesquisa, pela leitura só do título, foram lidos os resumos. Nas edições em que não havia resumos levou-se em conta somente o título; assim, embora os esforços tenham sido para que não ocorresse, podem existir ainda trabalhos que se perderam no processo de rastreamento e classificação.

A forma de exposição da organização dos dados até o 16º Cole se divide em duas partes:

- A primeira levanta as quantidades totais de trabalhos disponíveis em cada edição dos anais e cadernos de resumos. Nessa quantidade está expresso já o recorte que dá tema a este trabalho de conclusão de curso - a literatura para crianças e escola. A ele se entremeiam

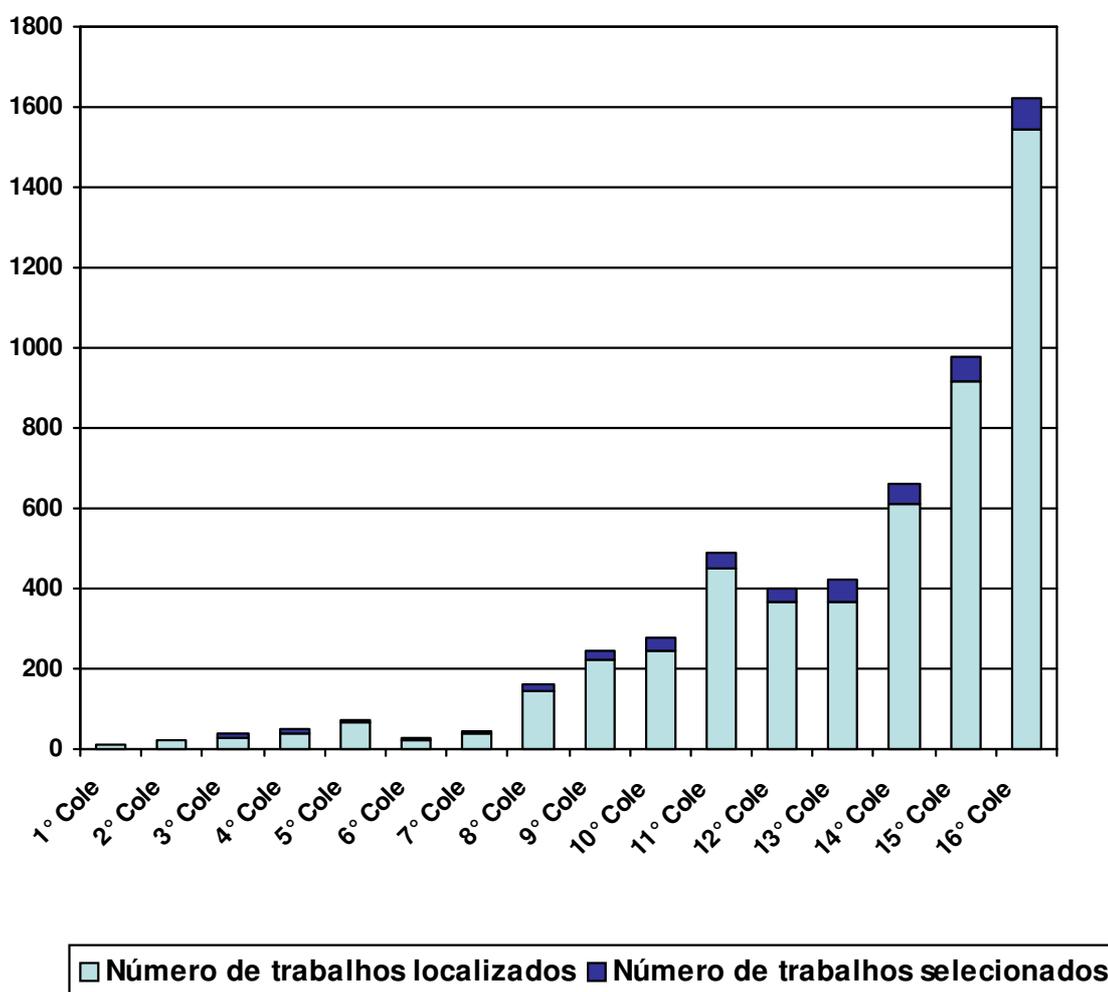
¹⁹ Disponível em < <http://www.alb.com.br/portal/eventos/index.html>> Acesso em 13 nov. 2009

análises e considerações sobre as alterações e mudanças ocorridas com o passar dos anos e das edições do Congresso.

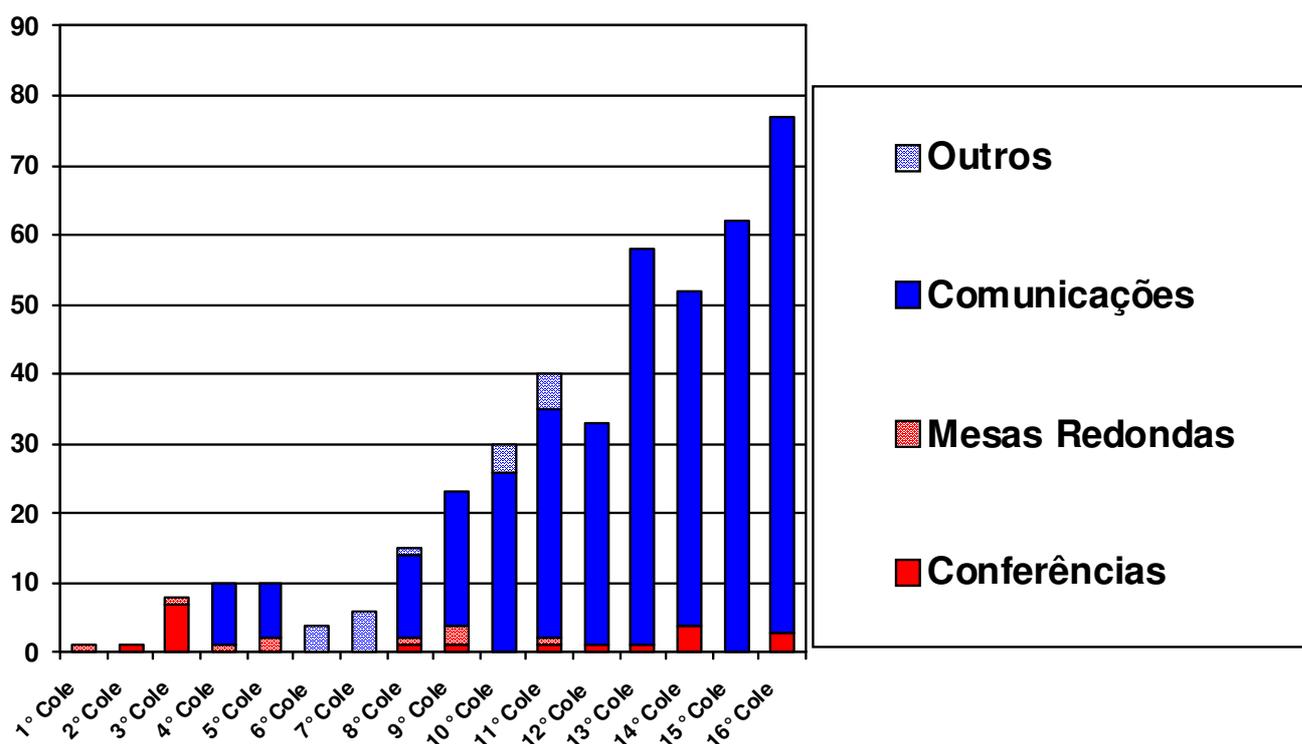
- A segunda parte destaca as análises e considerações sobre as alterações e mudanças ocorridas nos focos de interesse das apresentações. Esta parte se detém nos temas enunciados pelos títulos, e resumos em alguns casos, e verifica como o interesse se altera com o passar das edições do Congresso.

IV.1. A relação Literatura para Crianças e Escola no COLE pelo tempo

Neste primeiro movimento de análise foram recortadas, do conjunto de materiais disponíveis, as apresentações com o tema literatura para crianças em relação à escola. Temos:



Apresentações com o tema 'literatura para crianças e escola'



Os trabalhos foram selecionados tendo por base seus títulos e resumos em alguns casos, como dito anteriormente. É necessário colocar que as conferências e mesas redondas fazem parte da programação oficial do Congresso, enquanto que as comunicações são apresentações de participantes inscritos no Cole. As outras formas de apresentações de trabalhos são mini-cursos²⁰, oficinas²¹ e palestras²², mas devido à heterogeneidade de sua existência no interior dos Congressos e o número pequeno de contribuições com o tema da presente pesquisa, os dados foram agrupados todos juntos na categoria Outros.

Observando o gráfico das apresentações sobre o tema 'literatura para crianças e escola' podemos perceber que o tema sempre esteve presente nos congressos, quer como parte da programação oficial, quer como parte das comunicações. A tendência geral foi de crescimento do número de trabalhos, inscritos como comunicação, sobre a literatura para crianças em relação à escola. Esta tendência se acentua quando observamos que o número

²⁰ Os mini-cursos fazem parte da 6ª, 7ª e 10ª edições.

²¹ Uma oficina foi localizada na 8ª edição.

²² As palestras ocorrem na 10ª e 11ª edição.

total de trabalhos também apresentou crescimento no decorrer das edições do Congresso, mesmo nos momentos de queda do número de inscritos seja por problemas na divulgação ou no cenário sócio-econômico.²³

Nos dois Congressos iniciais (1978 e 1979) as intervenções sobre o tema ‘literatura para crianças em relação com a escola’ foram poucas, o que é compreensível, quando observada a dimensão do congresso, que nesse momento é um evento bastante inicial e que trazia um tema (o da leitura) ainda pouco explorado academicamente no Brasil. Uma mesa redonda com o tema geral de literatura infantil aparece na primeira edição do Cole, enquanto que na segunda edição temos uma conferência sobre a literatura em relação a criança e uma discussão em mesa redonda, cujas questões trazem a inserção do tema na área de comunicação e expressão. Quem nos parece autorizado a colocar palavras para um público de professores, estudantes e pesquisadores sobre o tema, eram os escritores e os pesquisadores, dado que os quatro convidados da mesa redonda inicial são esses escritores de literatura infanto-juvenil e as outras vozes vem da universidade ou centros de pesquisa. É importante colocar que nas três primeiras edições do Congresso de Leitura do Brasil só havia a possibilidade de inscrição como ouvinte, ou seja, todos os trabalhos apresentados eram parte da programação oficial, composta por mesas redondas e conferências.

Na terceira edição (1981) o tema analisado sob a forma de relação da leitura com a literatura e da leitura com a escola constituem sub-temas do congresso. E ele começa a aparecer mais, apesar do número de trabalhos do Congresso não ter aumentado muito. Sete conferências apresentam títulos que nos sugerem o tema pesquisado, com mais aspectos ressaltados²⁴.

No quarto Cole (1983) começou a haver a possibilidade de inscrição com comunicação, ou seja, além das comunicações oficiais (mesas redondas e conferências)

²³ Cf. gráfico do número de apresentações e inscrições na página 13 deste trabalho.

²⁴ Títulos das conferências disponíveis no Anexo.

começaram a existir trabalhos dos participantes do Congresso, estes trabalhos sendo chamados de comunicações. Essa 'abertura' teve implicações na quantidade observada. Como está explicitado no segundo gráfico, na 4ª e na 5ª edição (1983 e 1985) o número de trabalhos sobre o tema da literatura em sua relação com a criança, a escola e o ensino nas séries iniciais mantém-se igual, apesar de haver aumentado em relação às edições anteriores. Este aumento de apresentações se deve justamente ao fato de que nestes Congressos iniciam-se as comunicações de participantes. Isso também se confirma, na medida em que neste momento o número de trabalhos sobre o tema selecionado, na parte oficial, se mantém constante quando comparado às edições anteriores. É um momento em que se democratiza um pouco mais o uso da palavra. Não mais se pronuncia o conferencista ou palestrante convidado apenas, mas é dado o direito de comunicar ao professor, ao estudante pesquisador, etc.

Na sexta e sétima edições (1987 e 1989) a organização do Congresso se altera, este passa a se organizar em mesas redondas (parte oficial) e mini-cursos, sendo que os mini-cursos são coordenados por uma pessoa convidada pela organização do Congresso e neles se inscrevem todos os participantes. Nestas duas edições não foi possível localizar o tema da pesquisa na parte oficial do Congresso, isso porque as mesas redondas possuíam temas amplos, tendo por foco a leitura, mas sem destacar a leitura de literatura para crianças e sem fazer a ponte claramente com a escola. (Obs: Cabe reiterar que o processo de organização dos dados considerou o título dos trabalhos e o resumo, quando existente).

Quanto ao número de apresentações com o tema da pesquisa nota-se que neste momento, os trabalhos sobre literatura para crianças em relação à escola ocorreram em menor número do que nas edições anteriores. A organização do Congresso pode ser um fator que propiciou esta situação, na medida em que a estrutura de mini-cursos é diferenciada das comunicações e pode se caracterizar por trabalhos mais amplos sobre determinado assunto, ao invés de relatos ou considerações sobre um tema mais específico.

O oitavo e o nono COLE (1991 e 1993) passam a não se organizar mais em forma de mini-cursos. Voltam a se estruturar em conferências, mesas redondas e comunicações, com o acréscimo de oficinas. Nestas edições houve um aumento considerável do número de trabalhos, como um todo e as apresentações que possuem por foco a relação literatura para crianças em relação à escola aumentam sensivelmente.

Além de ocorrerem contribuições nas direções que até o momento vem sendo consideradas para a nossa contagem, como, por exemplo, a importância e as metodologias para o ensino da literatura no 1º grau, as comunicações trazem como tema outros tipos de leitura da literatura para crianças, como a leitura das imagens e dos livros de imagens, a leitura na pré-escola e com crianças não alfabetizadas, entre outros. Complementarmente trazem outros pontos na relação da literatura para crianças com a escola, como as bibliotecas em sala de aula ou as bibliotecas escolares, atividades como a “Hora do Conto” e diversos projetos de incentivo a leitura, públicos ou privados, desde o âmbito da unidade escolar até âmbitos mais amplos, municipal, estadual ou mesmo federal. Por estes trabalhos percebe-se que o tema da leitura, e mais especificamente do incentivo à leitura, dirigido a crianças e jovens adquire mais destaque no contexto geral em que se inserem os Congressos.

Com o aumento das comunicações do Congresso em geral, as duas posteriores edições, 10ª e 11ª, (1995 e 1997) começam a se dividir por Encontros Internos, cada um priorizando um aspecto da leitura. No 11º Cole, os Encontros já se mesclam com o esquema de Seminários, forma de organização que será eleita para as edições posteriores. Os trabalhos sobre o tema desta pesquisa passam a se localizar principalmente nas comunicações. As mesas redondas e conferências com o tema são localizadas em número menor a partir do 12º Cole, devido ao caráter mais amplo destas contribuições.

É importante destacar que, com o crescimento e aumento da importância do tema começam a ocorrer Encontros Internos e depois Seminários específicos com este foco, desta forma o número de trabalhos apresentados cresce em número e variedade a cada edição.

Esta variedade de trabalhos sobre o tema é ainda mais perceptível a partir do 12º Cole, em que cada vez mais são abordados diferentes níveis e aspectos que estão englobados pelo tema mais amplo da relação da literatura para crianças com a escola.

A partir desta edição os dados foram coletados diretamente dos anais no site da ALB, como mencionado anteriormente, com a complementação dos folders para a parte oficial do Congresso, sendo que até os anais do 15º COLE não são relacionados os temas das conferências e mesas redondas realizadas, e os Seminários passam a ser o modo de organização interna do Congresso.

O crescimento de trabalhos totais do 13º e 14º Cole é grande, evidenciando que o evento já está fortalecido no campo da educação e leitura, em relação aos anos anteriores o volume de trabalhos sobre o tema da presente pesquisa cresce significativamente também, considerando que no 12º Cole foram selecionadas 33 apresentações e no 13º são 58, ou seja, crescimento de 25 apresentações sobre o tema.

No 15º e 16º Congresso ocorre um salto no número de comunicações, como podemos observar pelo primeiro gráfico. Este salto, em relação ao número de trabalhos totais, é grande, já que se chega ao número de 1543 comunicações na 16ª edição. E da mesma forma o número de contribuições sobre o tema da pesquisa cresce bastante, chegando a 77 apresentações. O Seminário Literatura Infantil e Juvenil reúne um número considerável de comunicações nestas duas edições, ao mesmo tempo em que a diversidade de trabalhos faz com que os Seminários também aumentem.

De forma geral, a tendência, tanto do Congresso de Leitura do Brasil quanto do tema da literatura para crianças em relação à escola, tem sido de crescimento desde a primeira

edição. Temos 11 trabalhos descritos no livro de resumos da primeira edição, em 1978, e o Congresso chega, na 16ª edição, em 2007, com mais de 1000 comunicações nos anais digitais²⁵.

Até o momento do término desta pesquisa, os anais do 17º Cole, realizado em 2009, não foram publicados, porém a tendência de crescimento continua, considerando que, de acordo com o relatório final do evento, foram realizadas 1917 comunicações, o que demonstra a expressividade cada vez maior do Congresso de Leitura do Brasil.

IV.2. A relação Literatura para Crianças e Escola no COLE, por focos de interesse

Ao realizar a organização dos dados de maneira temporal surgiu também a necessidade de organizá-los pensando sobre os próprios títulos dos trabalhos, de forma a poder ter, mais concretamente, uma visão geral de quais contribuições o COLE traz sobre o tema da pesquisa.

Desta forma, foi pensado, como uma maneira de organização, reunir os trabalhos por focos de interesse. Baseando-se no livro “Pesquisa sobre Leitura no Brasil – 1980-1995”, a presente pesquisa utilizou a definição de focos de interesse como: “pontos de convergência e divergência assumidos por seus pesquisadores” (FERREIRA, 2001, p. 122). Procurou-se, assim, realizar um esforço de agrupar os trabalhos por focos de interesse.

Nas primeiras edições do COLE percebe-se, até pelo número de trabalhos, que as apresentações relativas ao tema desta pesquisa tendem a se concentrar em poucos focos de interesse, porém com o decorrer das edições do Congresso forma existindo mais focos decorrentes das ramificações do tema principal. Decidiu-se apresentar, primeiramente, a distribuição dos trabalhos pelos Seminários, os quais são agrupamentos previamente

²⁵ Disponível em <<http://www.alb.com.br/anais16/index.htm>> Acesso em 13 nov. 2009

organizados pelo evento, após esta consideração os trabalhos serão desmembrados por focos de interesse.

Os focos de interesse foram construídos no decorrer da análise dos materiais, não sendo utilizados divisões *a priori*. É relevante pontuar que não foi possível explorar as divisões por gênero ou local de procedência, apesar destas serem categorias utilizadas em pesquisas do tipo Estado da Arte, devido à não existência destes dados (nomes e locais de procedência) na totalidade dos anais e livros de resumos. Desta forma o que foi possível realizar foi a divisão e agrupamento dos trabalhos por focos de interesse baseando-se nos títulos destes trabalhos e resumos nos casos em que este existia.

OS SEMINÁRIOS

Pode-se pensar que os Seminários que deram forma aos Congressos de Leitura, do número 12 ao número 16 originaram-se dos Encontros Internos, existentes nos COLE's de número 10 e 11, sendo que o décimo COLE é o primeiro a trazer a estrutura de Encontros Internos.

Distribuindo os trabalhos sobre 'literatura para crianças' apresentados ao longo de todas as edições do Congresso, com a estrutura de Seminários, temos:

1. Encontro "Concepção de Linguagem e a Formação do Professor de Língua Portuguesa", com a apresentação de **dois** trabalhos, no interior do décimo Congresso. Este encontro foi redirecionado para o "Seminário sobre Leituras do Professor".

2. Encontro "O perfil do leitor brasileiro e a escola: uma análise discursiva", com **vinte e sete apresentações com o tema da pesquisa**, porém somente no décimo Cole.²⁶

3. Encontro "Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil à serviço da promoção da leitura", com somente uma contribuição, no décimo COLE.

Os demais Seminários ou Encontros possuem mais permanência na estrutura dos Congressos e são:

²⁶ O encontro deve ter se desmembrado em outros Seminários, não identificados pela pesquisa, nas edições posteriores à décima primeira.

Encontro ‘Educação Infantil e Leitura’, com duas contribuições no décimo COLE e oito no décimo primeiro. Este encontro se altera para o Seminário ‘Linguagens na Educação Infantil’, o qual trata da especificidade das linguagens na etapa da Educação Infantil e traz o tema ‘literatura para crianças’ no 15 ° COLE, em cinco trabalhos e no 16° COLE, em doze.

Seminário sobre ‘Biblioteca Escolar’ até o 13° COLE e Seminário sobre Biblioteca a partir deste, com várias participações sobre literatura infantil. Este seminário traz 6 trabalhos no décimo primeiro Congresso, dois no 12°, três no 13°, oito no 15° e sete no 16°, abordando a relação entre a literatura e a escola pelo viés da leitura nas bibliotecas de sala, no interior das escolas ou da importância do estímulo ao uso das bibliotecas ser realizados pelas escolas.

Seminário ‘Literatura para crianças e jovens’, específico sobre o tema da pesquisa. Este seminário faz parte da estrutura do Congresso desde o início da organização por Seminários, e aborda os mais diversos aspectos da literatura para crianças, incluindo, mas não se limitando, a sua relação com a dimensão escolar. Nas séries selecionadas foram encontrados 26 trabalhos no 11° Cole, doze no 12°, oito no 13°, 56 no 14°, 36 no 15° e no 16°, sendo um dos maiores seminários em número de comunicações no interior dos Congressos.

Seminário ‘Práticas de leitura, gênero e exclusão’, são poucos trabalhos que fazem a interface entre este foco de interesse e a literatura para crianças na escola, somente um no 14° e no 16° Cole e quatro no 15°.

Seminário sobre ‘Ensino de Língua e Literatura’ .Esta interface é feita mais na 16ª edição, com 11 trabalhos, embora também esteja presente na 15ª com dois trabalhos.

Seminário sobre ‘Letramento e Alfabetização’ outro foco de interesse bem presente com várias contribuições sobre o tema da pesquisa ao longo dos Congressos, mais precisamente seis no 12° Cole, uma no 13°, sete no 15° e sete no 16°.

Podemos dizer que entre os Encontros Internos e os Seminários, o tema investigado esteve presente nos COLE's na forma de 306 apresentações, entre comunicações mesas-redondas e conferências.

Devido à realização do 17º COLE ter sido recente não houve tempo hábil para analisar todas as comunicações, sendo feitas somente algumas considerações com base no relatório final do evento.

Neste evento, a forma de organização se alterou novamente. Os Seminários deram lugar a mesas redondas e o número de mesas se ampliou para além dos seminários anteriores. Os eixos temáticos para a inscrição dos trabalhos também foram ampliados. Nesta edição, além do eixo temático 'Literatura Infantil e Juvenil', mesmo nome do Seminário de outras edições, surgiu um eixo: Estudos sobre 'Projetos e Ações do Proler', o qual destaca e enfatiza as ações e projetos de promoção à leitura, anteriormente distribuídas em vários Seminários. Os outros eixos não estão tão prontamente relacionados ao tema da pesquisa, e por isso não serão mencionados.

Após esta breve consideração sobre o comportamento do tema dessa pesquisa nos encontros e seminários do COLE os trabalhos serão divididos pelo que foi possível apontar como foco principal.

OS FOCOS DE INTERESSE

Todos os trabalhos foram divididos entre 12 focos de interesse diferentes, são eles: Q Texto; Biblioteca; Alfabetização; Verbal e Não-Verbal; Compreensão e Leitura; Experiências, Projetos e Programas; Interesse e Estimulo à Leitura; Autores/Obras; Aspecto Educativo da Literatura; Literatura e Produção Escrita; Contexto Histórico e Social; Práticas de Leitura.

A tabela a seguir mostra o número de trabalhos por foco de interesse:

Foco de interesse	N° de trabalhos
O Texto	20
Contexto Histórico e Social	6
Práticas de Leitura	13
Biblioteca	19
Alfabetização	16
O verbal e o não verbal	23
Compreensão e Leitura	10
Experiências projetos e programas	57
Interesse e Estimulo à Leitura	76
Autores/Obras	25
Aspecto Educativo da Literatura	105
Literatura e Produção Escrita	6

Como podemos observar, o foco com maior número de trabalhos é o Aspecto Educativo da Literatura, que surgiu da reunião dos trabalhos que se debruçam sobre a reflexão acerca do porquê e do como formar o leitor, mais especificamente o leitor de literatura infantil na escola.

De modo geral os trabalhos deste foco procuram discutir a formação do leitor, a importância de se utilizar a literatura infantil como material de leitura, os aspectos deste gênero de escrita que contribuem para o desenvolvimento da dimensão cognitiva das crianças, bem como sua contribuição para outros tipos de desenvolvimento, como o emocional, o criativo, entre outros. Este é o foco mais presente nas edições do Cole, com contribuições em todas as edições com exceção da segunda.

Outro foco de interesse com um número grande de contribuições é o foco Interesse e Estimulo à Leitura. Como o nome indica, nestes trabalhos o centro das considerações é a discussão sobre o que interessa às crianças no conjunto do material da literatura para crianças e como estimular este interesse, para, conseqüentemente, gerar nas crianças o hábito/prazer da leitura. Também está dentro deste foco a discussão sobre que material de literatura fornecer aos alunos, a relação complexa entre estimular o interesse e ampliar os horizontes. Alguns trabalhos abordam também a relevância ou não, quando se considera a dimensão educativa,

dos livros que atraem as crianças e jovens; este tema é fonte de muitas discussões no interior do campo do ensino da literatura, como anteriormente apontado na presente pesquisa.

Seguindo a sequência dos focos de interesse mais explorados, o foco seguinte é Experiências, Projetos e Programas. Compõem este foco as apresentações do tipo relato de experiências, quer estas sejam bem ou mal sucedidas. Estão reunidos nesta categoria, também, os trabalhos que se voltam para os projetos e programas de incentivo à leitura de literatura, na medida em que muitas vezes estes trabalhos estão relatando experiências com os programas ou projetos.

Percebe-se que os trabalhos que analisam projetos tem como centro as ações organizadas em nível micro, ou seja, iniciativas de escolas desvinculadas, formações de redes entre escolas públicas ou privadas, até mesmo iniciativas de um professor ou uma sala em separado. De maneira geral, as ações propostas vão no sentido de apontar para a importância do contato direto dos leitores com os livros de literatura, muitas vezes os livros solicitados pelas crianças. Outro ponto discutido pelos projetos é a ampliação do repertório pela disponibilização dos livros à todos.

Já os trabalhos que procuram investigar os Programas colocam como foco as iniciativas mais globais de promoção da leitura, iniciativas da parte do poder público. O ‘Programa Nacional Biblioteca na Escola’, ou o Programa ‘Literatura em minha Casa’ são exemplos de programas analisados neste foco de interesse. Estas análises muitas vezes são observações sobre a importância ou não dos programas nas escolas, ou considerações sobre como e em que medida iniciativas como estas promovem realmente a leitura de literatura.

O foco de interesse Autores/Obras se constitui de apresentações que buscam compreender a importância da leitura das obras de um autor específico, ou de um conjunto determinado de obras, para a aquisição de conhecimentos. O tema mais abordado pelos trabalhos no interior deste foco é a análise das obras de Monteiro Lobato, ou até mesmo

alguns personagens do autor. As obras da Coleção Vagalume²⁷, conjunto que compõe muitos catálogos de livros paradidáticos, também são citadas em alguns trabalhos. Outros autores são mencionados em um ou dois trabalhos e podem ser localizados na lista de títulos dos trabalhos em anexo.

Apesar de possuir um número relativamente pequeno de contribuições, o foco Verbal e Não-Verbal está presente em todos os Congressos após o oitavo. Este foco reúne os trabalhos que procuram para discussão a importância das diversas formas de leitura, não se restringindo somente à leitura do texto.

De maneira geral, pode-se observar que os trabalhos deste foco abordam a leitura das imagens e a leitura oral ou contação de histórias. Para além destas formas existem também considerações sobre o uso da dobradura, da música, da dramatização, todas estas são apontadas como maneiras de auxiliar e facilitar a incorporação da leitura de literatura no cotidiano escolar das crianças desde antes da alfabetização.

Inversamente ao foco anterior, O Texto reúne os trabalhos que se debruçam sobre os diversos aspectos do texto da literatura infantil. Assim, fazem parte deste foco análises sobre a especificidade do gênero literatura infantil e seus usos no contexto educativo, ou seja, os trabalhos refletem sobre o caráter literário do texto em diálogo com o caráter educativo de sua utilização nos contextos da escola. Este foco de interesse também perspassa um número grande de edições do Congresso, embora não estejam sequenciadas, não existindo contribuição nenhuma em várias edições.

Assim como o foco anterior, o foco Biblioteca possui 19 contribuições, porém está presente em todas as edições a partir da nona, possuindo inclusive um Seminário próprio a partir da 11ª edição. Este foco de interesse se constitui de trabalhos que possuem como

²⁷ Esta coleção foi publicada pela editora Ática e possui um total de 79 títulos. EDITORA ÁTICA. **Livros da Coleção**. Disponível em: <<http://www.atica.com.br/catalogo/colecoes.aspx?i=8508044453&c=32>>. Acesso em: 14 dez. 2009.

centralidade a relação entre a biblioteca e a leitura da literatura para crianças. Um ponto bastante analisado é a existência, e importância, das bibliotecas de sala de aula, nestes trabalhos os benefícios para o processo educativo do contato com a literatura é abordado pelo viés da construção e utilização de bibliotecas no interior das salas ou das escolas. O estímulo à utilização das bibliotecas, tanto escolares quanto municipais, também é um aspecto discutido no interior deste foco de interesse.

Levando em conta que a o tema alfabetização possui Seminários e Encontros próprios, o foco de interesse Alfabetização não possui muitos trabalhos, somente 16, mesmo tendo sido registrado um trabalho já no 2º Cole. Podemos constatar, assim, que não são muitos os trabalhos que relacionam a literatura para crianças com a alfabetização, embora os que realizam este movimento apontam para a importância de não perder de vista a leitura de literatura durante o processo de alfabetização.

Surgindo já na quarta edição do Congresso o foco de interesse Práticas de Leitura começa a ter mais produções a partir do 14º Cole, tendo estado ausente ou com poucas contribuições em outras edições. As diferentes práticas de leitura realizadas na escola e sua análise é a centralidade dos trabalhos deste foco. Estes trabalhos realizam um esforço de reflexão e discussão sobre as práticas de leitura da literatura para crianças, ou seja, o que está em questão é a maneira como se dá a leitura da literatura no interior da escola.

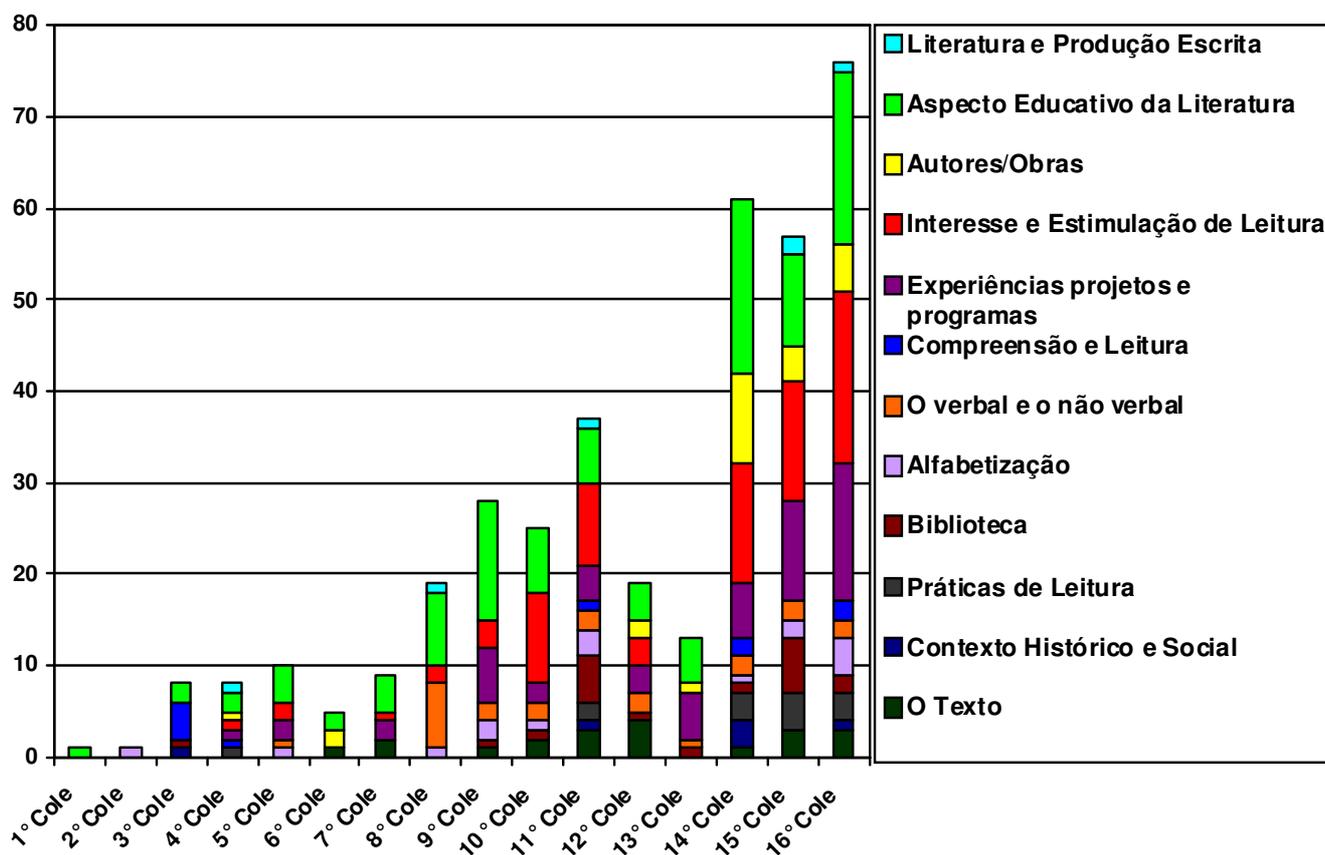
Um ponto que possui surpreendentemente poucas contribuições é o foco Compreensão e Leitura, os trabalhos deste foco se debruçam sobre um aspecto importante da leitura na escola, que é a compreensão do que se lê e como construir esta compreensão. Apesar desta importância, a questão da compreensão da leitura não está muito relacionada à literatura no interior dos Congressos, já que somente nove trabalhos abordam esta relação.

O foco de interesse Contexto Histórico e Social possui bem poucas contribuições nos Congressos de Leitura. Esta quantidade de trabalhos revela que a relação da literatura para

crianças no contexto escolar está sendo pouco explorada do ponto de vista do contexto social mais amplo. Os trabalhos que fazem parte deste foco procuram analisar como a literatura na escola se relaciona com a realidade brasileira, como é afetada pela realidade. Alguns trabalhos de detém sobre o contexto social, relacionando conceitos como classe social e suas implicações na literatura no interior da escola.

Foi recortado, dentro do foco Aspectos Educativos, o foco Literatura e Produção Escrita. Neste foco foram reunidos os trabalhos que especificam a relação da leitura de literatura com o desenvolvimento da produção escrita. De maneira geral, os trabalhos deste foco trouxeram para a discussão as contribuições que a leitura de literatura traz para que a produção escrita se complexifique e desenvolva. O número de trabalhos neste foco também é pequeno, aparecendo mais no 15° e 16° Cole.

Faz-se importante, neste momento, trazer a distribuição dos focos de interesse nas edições do Congresso, como forma de visualização das considerações sobre os focos. O gráfico a seguir traz esta distribuição:



Outros pontos podem ser apontados a partir da leitura do gráfico. Podemos perceber, pela concentração dos trabalhos somente em no máximo quatro focos temáticos no mesmo Cole, que as mesas redondas e conferências dos três primeiros Congressos abordam a relação ‘literatura para crianças e escola’, de maneira bastante geral, sem explorar muito as ramificações do tema.

Com o início da possibilidade de apresentação de trabalhos dos participantes na forma de comunicações individuais, o quarto COLE começa o movimento de maior ramificação do interesse, mesmo que ainda sem ser acompanhado por um crescimento grande no número de apresentações.

A partir do quinto COLE a variação diminui até a nona edição, quando se acentua ainda mais a tendência de variação dos focos abordados no interior do tema geral. A ramificação atinge o auge somente no 16º Cole, o qual apresenta, como demonstrado pelo gráfico, contribuições de todos os focos de interesse.

Percebe-se, então, que o tema literatura para crianças na escola além ter mais Seminários específicos, está distribuído nos Coles com mais ramificações, ou focos de interesse, de forma progressivamente mais acentuada com o passar das edições. As contribuições sobre este tema abordam maior número de aspectos com o passar do tempo, explorando cada vez mais as muitas relações existentes na ponte entre a literatura para crianças e a escola.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Olhos vassourando o texto... Era uma vez um escritor que escreveu para um leitor que virou escritor que escreveu para outro leitor que virou escritor que escreveu para outro leitor... e foram felizes por muitos e muitos anos, percebendo mais profundamente as perplexidades da vida e, muito provavelmente, plasmando – juntos - outras maneiras de existir. Olhos vassourando o texto, indefinidamente e indefinitivamente...” (Silva, 2008, p.27)

A presente pesquisa teve por pressuposto a posição de que a literatura educa, mesmo que, como coloca Amarilha, “esta educação tem um caráter formativo que não se presta ao domínio escolarizado de pontos, deveres e notas” (AMARILHA, 1997, p.49), como foi mencionado anteriormente. A pesquisa bibliográfica procurou trazer a interface entre a literatura e a pedagogia para problematização neste trabalho, recuperando um ponto de muita discussão na área da educação e da literatura.

Neste contexto, reunir e refletir sobre as propostas para o trabalho com a literatura para crianças na escola foi um esforço de analisar o movimento das reflexões a respeito de literatura para crianças, entre nós e ao longo do tempo, de forma a compreender os diferentes significados que a literatura tem assumido no interior da escola. A pesquisa leva em conta, também, que a sociedade atual tem passado por mudanças profundas e a literatura na escola se coloca como um grande desafio. Para realizar esta análise, a pesquisa se dividiu em dois momentos: num primeiro momento, buscou reunir, organizar e digitalizar os materiais, existentes ainda somente como impressos, de forma a disponibilizá-los no site da Associação de Leitura do Brasil, buscando com isso facilitar a pesquisa de todos os investigadores sobre eles e divulgar os conhecimentos produzidos nos Congressos de Leitura.

No segundo momento, se buscou construir uma visão do tipo “Estado da Arte” no tema ‘literatura para crianças e escola, mais especificamente os períodos da educação infantil e primeiros anos do ensino fundamental’, sendo as fontes documentais de busca, os livros de resumos e anais produzidos durante os trinta anos do Congresso de Leitura do Brasil.

Durante sua realização procurou-se não perder de vista seu objetivo, enunciado no início do trabalho, o qual seria analisar como este espaço de reflexão e produção de conhecimento que é o Congresso de Leitura do Brasil vem construindo e se relacionando com o campo da literatura para crianças na escola.

Tendo estas inquietações orientado o processo de investigação foi percebida, através da leitura das fontes e da organização e análise dos dados, a importância do tema literatura para crianças no interior do trabalho nas escolas, seja de nível fundamental ou de educação infantil, com leitores alfabetizados ou não. Outro ponto importante foi a constatação da complexidade dos aspectos contidos no tema geral da relação literatura para crianças e escola.

As muitas comunicações, mesas redondas e conferências abordando este tema revelam a preocupação das instituições do campo, com a formação de leitores, como um ponto a se manter em mente durante todo o processo educativo no interior das escolas.

Analisando os títulos dos trabalhos e seus focos de interesse, ficou claro, também, que a área da literatura para crianças em sua relação com o universo escolar tem feito parte da pauta de assuntos dos COLE's desde seu início e com o passar dos eventos, o tema apareceu gradativamente com maior diversidade e complexidade

A leitura do texto literário, quer seja para crianças e jovens, tema desta pesquisa, quer seja para adultos, (para professores, ou enfim, para todos) foi reconhecida, através dos muitos trabalhos apresentados no Congresso de Leitura, em sua importância e significado. Percebemos que a escola não pode se ausentar de formar, e com qualidade, leitores capazes de participar do universo da literatura e da escrita em geral.

A última consideração a ser feita é que esta pesquisa não encerra as possibilidades de investigação sobre o Congresso de Leitura do Brasil, pelo contrário, muitas outras possibilidades se abrem com esta, já que pesquisas no âmbito da leitura e da literatura são sempre necessárias para e bem vindas no e para o espaço escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**, São Paulo: Scipione, 1997.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. **Estatutos**. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/portal/entidade/estatuto.html>>. Acesso em: 29 jun. 2009.

BERNARDO, Marilena Ferreira. **A linguagem não-verbal no mundo da leitura: a contribuição dos congressos de leitura (COLEs) e da Revista Leitura Teoria e Prática**. 89 f. Tcc - Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

COELHO, Nelly N. **Panorama histórico da literatura infantil-juvenil: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo**. São Paulo: Quíron, 1985.

FERREIRA, Norma S. de Almeida. **A pesquisa sobre leitura no Brasil: 1980 – 1995**. Campinas, SP: Komedi; Arte Escrita, 2001.

FERREIRA, Norma S. de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. In: **Educação e Sociedade**. Campinas, SP: ano XXIII, n° 79, ago/2002.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **25 ANOS de COLE**. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/portal/entidade/cole.html>>. Acesso em: 26 jun. 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, R. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira – histórias, autores e textos**. São Paulo: Global, 1993.

LOPES, E.M.T.; GALVÃO, A.M.O. **História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MAY, Tim. Pesquisa Documental: escavações e evidências. In: **Pesquisa social: Questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 205-230.

QUINAGLIA, Ivana A. L. **A leitura da leitura: o traz a revista *Leitura: Teoria & Prática sobre teorias e práticas de leitura***. Sorocaba, SP: Dissertação de Mestrado, Universidade de Sorocaba, 2006.

SECO, Ana Paula. **Livros de Viagens: fontes para a História da Educação**. 69 f. Tcc - Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

SILVA, Ezequiel T. **Literatura e pedagogia: interpretação dirigida a um questionamento**. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E.T. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**. São Paulo: Global; Campinas: ALB - Associação de Leitura do Brasil, 2008.

SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP. **Sobre o PAI-e.** Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/pai-e/site/home.php?ModuleHome=1>>. Acesso em: 22 out. 2009.

SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP. **Biblioteca Digital da Unicamp: Objetivo.** Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/bibdig/objetivo.htm>>. Acesso em: 22 out. 2009.

ZILBERMAN, Regina (org). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

ZILBERMAN, Regina. Sim, a literatura educa. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E.T. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto.** São Paulo: Global; Campinas: ALB- Associação de Leitura do Brasil, 2008.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Márcia (org). **História do livro e da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, ALB; São Paulo: Fapesp, 2000.

_____. **Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10o. COLE**. Campinas: Alb: Mercado de Letras, 1995. 192 p.

CAMARGO, Luiz. O livro infantil brasileiro: arte para crianças. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, SP, ano 9, n°15, junho, 1990.

CHARTIER, Roger; CAVALHO, Guilielmo. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999.

CORREA, C. H. **Entre práticas e representações: um estudo sobre aspectos da leitura na universidade**. Campinas, SP: Faculdade de Educação, UNICAMP, 1999. Dissertação de Mestrado.

GIACOPINI, Carina M. M. **A presença da literatura infantil na Revista “Leitura: Teoria & Prática”**. 70 f. Tcc - Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

HALEWELL, L. **O livro no Brasil (sua história)**. São Paulo: T. A.: Edusp, 1985.

KAUCHAKJE, S. **Movimentos sociais na academia; um olhar sobre as teses e dissertações produzidas na UNICAMP e USP entre 1970-1995.** Faculdade de Educação, UNICAMP, 1997. Tese de Doutorado.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN R.. **A Formação da Leitura no Brasil.** Ática, SP, 1996.

LOPES, E.M.T. História da Educação e Literatura: algumas ideias e notas. **Educação em revista.** Belo Horizonte, n°27, 1988, p. 35-46.

_____. Fontes documentais e categorias de análise para uma história da educação da mulher. **Teoria e Educação.** Porto Alegre, n°6, 1992, p. 105-114.

PENTEADO, A. I. **Formação docente e a prática do ensino da leitura: contribuições oriundas da Revista *Leitura: Teoria & Prática*.** 83 f. Tcc - Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

SILVA, Maurício. O lúdico e o pedagógico: contornos da literatura infanto-juvenil. **Leitura: Teoria e Prática,** Campinas, SP, ano 23, n°44, março, 2005.

ANEXO I

Títulos dos trabalhos com o tema ‘literatura para crianças e escola’:

1° Cole (1978): Total de 11 trabalhos, entre mesas redondas e conferências;

- Apresentações com o tema da pesquisa, literatura para crianças em relação com a escola:

- **Mesa Redonda:**

1. Literatura infantil.

2° Cole (1979): Total de 20 trabalhos, entre mesas redondas e conferências;

- Apresentações com o tema literatura para crianças e escola:

- **Conferência:**

1. Literatura como instrumento de alfabetização

3° Cole (1981): Total de 30 trabalhos, entre conferências e mesas redondas;

- Apresentações com o tema literatura para crianças e escola:

- **Conferências:**

1. Preparando a criança para a leitura.
2. Um roteiro para o ensino da leitura.
3. Leitura e realidade brasileira e suas conseqüências na leitura escolar.
4. Construindo a capacidade de produzir e compreender a linguagem.
5. Leitura e/ou leituras de um texto?
6. Leitura recreativa na escola de 1° grau.
7. Biblioteca infantil – espaço criador de integração comunitária.

- **Mesa Redonda:**

8. Formação do leitor infantil.

4° Cole (1983): Total de 40 trabalhos, entre comunicações e mesas redondas;

- Apresentações com o tema literatura infantil e escola:

○ **Mesa Redonda:**

1. Comunicação e expressão: o ensino da leitura.

○ **Comunicações:**

2. O projeto de leitura da literatura infantil contemporânea.

3. Projeto “Ciranda de livros” relato de uma experiência.

4. O circuito do livro e a escola.

5. Desenvolvimento do interesse pela leitura em alunos de 1ª a 4ª série do 1º grau em Belo Horizonte.

6. A formação de leitores no 1º grau: um processo.

7. Leitura como suporte para a produção textual.

8. Prática de leitura no 1º grau: um estudo comparativo de escolas da rede pública de Minas Gerais e da rede privada de Belo Horizonte.

9. Literatura infanto-juvenil: arte ou pedagogia-moral?

10. A leitura, um processo de produção: (o menino maluquinho e a bela borboleta – de Ziraldo).

5º Cole (1985): Total de 65 trabalhos, entre comunicações e mesas redondas.

• Apresentações com o tema literatura infantil e escola:

○ **Mesas Redondas:**

1. O professor como leitor e incentivador da leitura

2. A escolarização do texto

○ **Comunicações:**

3. A situação da leitura nas séries iniciais (1ª a 3ª): relato de projeto.

4. Literatura infantil na escola.

5. Alfabetização através da literatura.

6. A literatura e os sentimentos.

7. Literatura e processo criativo.
8. Projeto de literatura infanto-juvenil "Os livros criam asas".
9. Interesses de leitura de alunos do 1º grau.
10. Interação verbal e ensino de leitura do texto de literatura infantil.

6º Cole (1987): Total de 25 trabalhos entre mesas redondas e mini-cursos

- Apresentações com o tema de literatura infantil e escola:
 - **Mini-cursos:**
 1. Literatura no 1º grau.
 2. Clarisse Lispector: obra infantil.
 3. Joel Rufino dos Santos: obra infantil.
 4. O lado sedutor do texto infantil e sua análise.

7º Cole (1989): 39 trabalhos entre mini-cursos e mesas redondas

- Tema literatura infantil e escola:
 - **Mini-cursos:**
 1. Literatura infantil e juvenil: complexidades e banalizações – A.
 2. Literatura infantil e juvenil: complexidades e banalizações – B.
 3. A brincadeira séria de ler: o estímulo da literatura infantil.
 4. A constituição do leitor nas séries iniciais.
 5. Programas de Leitura da obra de ficção na escola: configurações para planejamento.
 6. Trabalho interdisciplinar de leitura na escola.

8º Cole (1991): Total de 145 trabalhos entre conferências, mesas redondas, sessões de comunicação e oficinas.

- Apresentações com o tema literatura infantil e escola:
 - **Mesa redonda:**
 1. As práticas de ensino no contexto das linguagens verbais e não verbais

- **Conferência:**
- 2. Função educativa da leitura literária;
- **Comunicações:**
- 3. Imagens sim, palavras não;
- 4. Narrativas infantis e o estímulo à leitura na alfabetização;
- 5. Criança lendo: uma proposta de alfabetização a partir dos livros do projeto “Livro de Pano e Coisa Séria”;
- 6. Da leitura com prazer à eficiência do texto escrito (projeto construção da ortografia nas séries iniciais);
- 7. A disponibilidade do origami (dobraduras de papel) como um dos materiais utilizados pelo educador para aproximar a criança da leitura;
- 8. A leitura na sala de aula: o velho e o novo em conflito;
- 9. A formação do leitor jovem - o uso da literatura em classes de pós-alfabetização;
- 10. A leitura na escola básica: atividade primordial para as várias formas de aprender;
- 11. A ilustração na literatura infantil: meios e modos de integrar leitura e arte;
- 12. Livros: do armário para as mãos dos alunos;
- 13. Interação e aprendizagem na leitura de livros de literatura infantil ilustrados;
- 14. O texto literário-musical na literatura infanto-juvenil;
- **Oficina:**
- 15. Dobrando, cantando e contando histórias com origami;

9º Cole (1993): Total de 223 trabalhos entre conferências, mesas redondas e sessões de comunicação.

- Apresentações com o tema literatura infantil e escola:

- **Mesas redondas:**

1. A FDE e a promoção da leitura na escola;

2. Leitura na Pré-Escola;
3. Leitura e alfabetização.
 - **Conferência:**
4. O Programa de leitura do MEC - Pró-Leitura.
 - **Comunicações:**
5. A construção do leitor-autor desde a pré-escola;
6. Nas dobras da Imaginação. Origami e Leitura na Educação;
7. A eficácia da Biblioteca de classe na formação de novos leitores;
8. Projeto "Ler, Reler, Criar";
9. A dobradura na conquista da leitura;
10. Aprender ler... Lendo;
11. Era uma vez... A literatura no 1º grau;
12. O trabalho com leitura para crianças não alfabetizadas;
13. "Ler-te Que te Quero Ler-te": Um projeto de leitura crítica para a escola básica;
14. A Leitura do livro infantil: entre pedagogia e arte;
15. Hora do Conto e sala de aula: Relato de uma experiência;
16. As personagens de que eles gostam;
17. Uso de textos infantis para alfabetização matemática: tarefas operatórias;
18. Literatura Infantil: uma análise das relações entre expectativas do autor e interpretações do Leitor;
19. Literatura Infantil: por uma pedagogia do imaginário;
20. A leitura do texto literário na escola;
21. Colônia de Leitura;
22. Brincando, Poetando, em Posa e Verso - O primeiro livro de leitura;
23. Projeto "Leitura para Sempre"

10º Cole (1995): Total de 247 trabalhos entre 20 Encontros Internos (com mesas redondas, mini-cursos e palestras) e comunicações²⁸.

- Apresentações com o tema literatura infantil e escola:
- **Encontro "Concepção de Linguagem e a Formação do Professor de Língua Portuguesa"**
 - **Mini-cursos:**
 1. Leitura Literária na Escola
 2. A Literatura Infantil na Escola Plural
- **Encontro "Educação Infantil e Leitura"**
 - **Palestras:**
 1. O leitor, a literatura e o mediador;
 2. O papel da pré-escola na constituição do futuro leitor-autor;
- **Encontro "Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil à serviço da promoção da leitura"**
 - **Palestras:**
 1. A Interdisciplinaridade da Leitura de Imagens
- **Encontro "O perfil do leitor brasileiro e a escola: uma análise discursiva"**
 - **Palestras:**
 1. Leitura na Escola
 - **Comunicações:**
 2. Leitura: história sem fim;
 3. Promovendo a leitura, educador torna-se leitor;
 4. Contos de fadas na Educação Infantil – Uma nova proposta de trabalho;

²⁸ Os painéis não foram contabilizados, embora fizessem parte da programação do evento, pela irregularidade de sua existência na estrutura dos Congressos, anais e livros de resumos.

5. Recontar histórias: uma atividade importante a ser desenvolvida com crianças pré-escolares;
6. A leitura do cotidiano na língua do Nhem;
7. Projeto "Implantando a alegria de ler";
8. Uma leitura dramatizada de "Ou isso ou Aquilo";
9. Contar histórias: incentivando a leitura a interação familiar;
10. Literatura infantil: como ler?
11. O papel roxo da maçã: (re)construindo a leitura;
12. Professora, já li o livro. E agora?
13. Poesia a jogo dramático;
14. Uma memória: Histórias de leitura de professores de 3ª a 5ª série da cidade de Teresina;
15. Projeto aprendendo a gostar de ler;
16. Ler e representar é deixar o espírito vagar;
17. Leitura das ilustrações dos livros infantis;
18. Promoção da leitura na escola;
19. A arte de contar histórias;
20. A adaptação textual para a literatura infanto-juvenil;
21. Biblioteca em sala de aula; leitura e produção de textos;
22. Um ateliê de contar histórias para crianças com distúrbios globais do desenvolvimento;
23. Alfabetizando com Monteiro Lobato;
24. A flautista de giz;
25. A criança e a poesia: encontros na sala de aula;
26. Leitores de ficção: as respostas do aprendiz;
27. O espaço da literatura na escola;

11º Cole (1997): Total de 450 trabalhos

- Tema literatura infantil e escola:
- **I Seminário sobre Literatura para crianças e jovens;**
- **Conferência:**
 1. Ideologia e Livro Infantil
- **Palestras:**
 2. Serafina, a criança que trabalha;
 3. A questão do magistério infantil na produção contemporânea para crianças e jovens;
 4. Um panorama da literatura para jovens e crianças;
- **Comunicações:**
 5. Os contos de fadas na sala de aula;
 6. A utilização dos livros infantis em classes de alfabetização;
 7. Literatura infantil, narrativa e cotidiano escolar;
 8. Fita Verde no Cabelo - a versão de Guimarães Rosa da obra de Charles Perrault
Chapeuzinho Vermelho;
 9. Giroletras - feira de livros apoiada na crítica infantil;
 10. Literatura Infanto juvenil e sua recepção de leitura;
 11. O ensino de literatura ou a arte da sedução;
 12. Mediação Sedutora;
 13. Texto e imagem: um diálogo possível;
 14. Crianças não é boba;
 15. A formação do leitor através de Monteiro Lobato;
 16. O pulo do gato;
 17. A hora do conto: momento para formação de leitores;
 18. O texto poético na escola: uma experiência vivenciada;
 19. Livrão do amor - leitura como elo disciplinar;

20. Poesia na sala de aula;
21. Literatura como Ludus: uma proposta metodológica;
22. Abrindo o livro para brincar: contando histórias e fazendo artes;
23. Da leitura à produção de fábulas na escola;
24. O texto literário infantil na escola de 1º grau: relato de uma experiência;
25. Ai que difícil!
26. Ir à biblioteca se aprende na escola;

- **II Encontro sobre leitura na pré-escola**

- **Palestras:**

1. O significado do acesso da leitura/escrita na pré-escola
2. Práticas de leitura dentro e fora da escola

- **Comunicações:**

3. Leitura, literatura infantil e alfabetização: quando possibilidades apontam caminhos;
4. Oficinas de leitura e alfabetização: uma intervenção na rede municipal de Paudalho - PE
5. O livro de imagem: um pretexto para contar histórias;
6. A educação infantil e a formação do leitor;
7. Do que eles são capazes - lendo a "Reforma da Natureza" com crianças de pré-primário;
8. Leitura e alfabetização;

- **III Seminário sobre Biblioteca Escolar**

- **Mesa Redonda:**

1. Biblioteca escolar: acorda Bela Adormecida;

- **Comunicações:**

2. Leitura na brinquedoteca: uma prática cultural;
3. Excluídos das bibliotecas escolares;
4. Livros ou Jogos: uma surpresa na escolha das crianças;

5. Aulas na biblioteca escolar, por que não?
6. A literatura infantil e a biblioteca escolar;

12° Cole (1999): Total de 369 apresentações entre Conferências e Comunicações

- Apresentações com o tema literatura para crianças e escola:
 - **Conferências:**
 - Leia Brasil
 - PROLER: a formação do professor leitor e escritor
 - **Comunicações:**
 - **V Seminário sobre Biblioteca Escolar**
 1. Leitura: Hábito, prazer, doce deleite?
 2. Parceria da biblioteca com docentes em sala de aula;
 - **II Seminário sobre Literatura para Crianças e Jovens:**
 1. Leitura e ilustração: uma experiência com professores do ensino fundamental;
 2. Hernani Donato: o folclore na literatura infantil brasileira;
 3. Livros na mala: resgatando o espaço da literatura infantil;
 4. Projeto de leitura;
 5. A leitura da literatura enquanto ato de interação;
 6. Construção do leitor: contar histórias, brincar, dramatizar... Pontos de partida;
 7. Leitura, literatura e teatro de fantoches: entrecruzamentos para a formação do leitor,
 8. Entre linhas, múltiplos olhares e vozes singulares;
 9. Literatura na escola: por uma metodologia do desenvolvimento do gosto;
 10. Literatura no primeiro grau: critérios de seleção e abordagem;
 11. Projeto Música e Poesia na escola;
 12. Literatura infanto-juvenil uma contribuição bibliográfica na formação do leitor;
 - **I Seminário sobre letramento e alfabetização**

1. Os Clássicos Infantis e seus revisitamentos nas produções contemporâneas: possibilidades de leitura;
2. Círculos de leitura: uma via para o letramento;
3. De Cinderella a Nikita: várias versões de um mesmo conto;
4. Leituras na escola: o fim do mistério?
5. Imagens metodológicas para o ensino da literatura em A Festa de Babette, de Isak Dinesen;
6. Literatura: uma prática em sala de aula;

13º Cole (2001): Total de 365 apresentações entre Mesas-Redondas, Conferências e Comunicações.

- Apresentações com o tema literatura para crianças e escola:
 - **Conferência:**
 - Escola e educação transformadora
 - **V Seminário sobre biblioteca escolar:**
 1. Como trabalhar variadas linguagens artísticas na sala de leitura e biblioteca;
 2. Leitura em sala de aula: reflexões de uma professora;
 3. Projeto Passaporte para a leitura: uma viagem ao mundo da fantasia e da imaginação;
 - **III Seminário sobre Literatura para Crianças e Jovens:**
 1. A constituição do leitor em crianças na idade pré-escolar: investigando efeitos da literatura infantil;
 2. A fantástica viagem pelo mundo da literatura infantil: algumas experiências;
 3. A leitura literária nas 3ª e 4ª séries do ensino fundamental de Londrina
 4. A leitura na educação infantil;
 5. Dueto texto-ilustração na literatura infantil no contexto escolar;
 6. Era uma vez... Histórias de literatura na escola;

7. Leitura: uma nova prática na escola;
8. Um caso de literatura na educação infantil: Vinícius de Moraes como repertório de vivências de linguagem;

- **II Seminário sobre Letramento e Alfabetização**

1. D. Quixote das crianças: sobre desenvolvimento intelectual e aspectos cognitivos da leitura;

14° Cole (2003): Total de 611 apresentações entre Conferências e Comunicações

- Tema literatura para crianças e escola:
 - **Conferências:**
 - Leitura e Humor
 - Contigo criamos leitores
 - O momento mágico da narração e da leitura
 - PNBE/ Literatura em minha casa: avaliação e proposições

- **II Seminário Práticas de leitura, gênero e exclusão**

1. O texto, a leitura e a interação;

- **IV Seminário sobre literatura para crianças e jovens**

1. Ler é desafiar ou desfiar um texto?
2. Quatro anos trabalhando com projetos;
3. O processo de formação da infância: do uso dos manuais de civilidade à literatura pedagogizante - aproximações com a realidade atual;
4. Jogos textuais e atividades de leitura;
5. Adriana falcão na literatura infanto-juvenil: brincando com as palavras;
6. A literatura infantil no livro didático;
7. Os colegas, de Lygia Bojunga Nunes: um estudo da recepção no ensino fundamental;
8. Contar na escola: a brincadeira virando aprendizagem;

9. Buscas e descobertas no mundo fantástico de “Ana Z. Aonde vai você?” de Marina Colasanti;
10. À sombra da vaga-lume: relações de identidade;
11. Biblioteca escolar: leitura para todos;
12. Literatura, escola e classe social: um estudo sobre a construção da personagem;
13. Literatura e afetividade: relato de experiência;
14. Refletindo sobre o conceito de livro paradidático de língua portuguesa;
15. Leitura em minha casa nasce na escola;
16. A indústria do livro: da editora para o professor;
17. O que lê e como seleciona os livros de literatura os alunos de 09 e 10 anos da Escola Municipal Padre Martinho Stein;
18. Literatura infantil e eliminação de preconceitos;
19. Uma leitura dos catálogos de livros infantis;
20. Contos de fadas na construção da auto-estima e do autoconceito em criança operacional concreta;
21. Os diferentes pretextos do texto literário: contribuições para a formação do leitor-sujeito;
22. Corda de palavras: ciranda de emoções: emoção à flor da pele;
23. A importância da obra infantil de Domingos Pellegrini para os pequenos leitores;
24. Os contos nos livros didáticos encanto ou desencanto?
25. Aspectos do estilo na composição a quatro mãos das memórias da Emília;
26. A literatura na escola: maneiras de ler na educação infantil;
27. Entre as brechas da prescrição: a vivência da literatura infantil;
28. Algumas considerações sobre a relação literatura infantil e escola;
29. O conto de fadas e o imaginário infantil;

30. Livro brinquedo: o começo de tudo... Um estudo necessário;
31. Escola em cena;
32. Leitura e literatura infantil: modos de ler o texto literário;
33. Terror à brasileira: narrativas de medo para crianças e adolescentes;
34. Noite dos contadores de histórias;
35. Reflexões sobre o ensino da leitura no contexto escolar;
36. Literatura como leitura na escola - um desafio;
37. Tornar-se leitor nos primeiros anos de escolarização: entre o eu e o nós;
38. "O Saci e as Crianças" um trabalho com a linguagem que se escreve. A partir da obra de Monteiro Lobato;
39. Criança e poesia: uma teia de significados;
40. Leiturização e arte: uma proposta criativa para a educação;
41. A arte da poesia envolvendo a escola;
42. Mala de leitura;
43. Poetando, brincando, criando seu pensar;
44. A magia dos contos de fadas: imaginação, inferência e extrapolação;
45. A poesia em foco na escola;
46. Um bicho de estimação e reflexão: análise do planejamento de leitura;
47. O leitor e os caminhos de memórias de Emília, de Monteiro Lobato;
48. Pontos de indeterminação em história meio ao contrário de Ana Maria Machado;
49. Literatura: um meio para alfabetizar e estimular a leitura;
50. Leitura, Literatura e escola: diálogo difícil, mas possível;
51. Poesias na educação infantil: a literatura como geradora de experiências estéticas e expressivas;
52. Estímulo à aquisição da linguagem de crianças até 2 anos através da literatura;

53. A construção da narrativa a partir da leitura da imagem do livro sem texto;
54. Relato de experiência: "A borboleta que virou projeto";
55. "A cooperação faz a arte";
56. A diversidade nos contos de fada dos irmãos Grimm;

15° Cole (2005): Total de 917 Comunicações

- Apresentações com o tema literatura para crianças e escola:
- **IX Seminário sobre Bibliotecas**
 1. A biblioteca escolar como mediadora para formar leitores;
 2. Biblioteca escolar - espaço de ação pedagógica;
 3. Biblioteca escolar: a busca da dinamização e qualificação deste espaço;
 4. Biblioteca escolar - espaço de ação pedagógica
 5. Biblioteca escolar: a busca da dinamização e qualificação deste espaço;
 6. Carrinho de leitura;
 7. O papel da biblioteca escolar na formação do leitor;
 8. Projeto sala de leitura;
- **III Seminário de Prática de Leitura, Gênero e Exclusão**
 1. A escuta dos contos clássicos infantis e seu reconto pelos alunos como aprendizado das formas de viver, pensar e agir;
 2. A circulação dos gêneros na escola;
 3. Experiências de leitura: caminhos possíveis do ensinar e do aprender;
 4. Reflexões sobre a leitura em uma sala de alfabetização;
- **V Seminário de Literatura Infantil e Juvenil**
 1. A bolsa amarela: uma leitura contracorrente
 2. A construção da infância e da adolescência: formação e aprisionamento da literatura infantil e juvenil;

3. A hora do conto como projeto de leitura e escrita;
4. A importância da literatura infantil no processo de alfabetização;
5. A leitura da literatura infantil em livros didáticos brasileiros
6. A literatura infantil nas séries iniciais: prazer ou obrigação?
7. As práticas discursivas em sala de aula: o desenvolvimento da linguagem e a leitura de literatura infantil;
8. Contando história e (re) escrevendo mundos: a literatura infanto-juvenil no cotidiano escolar;
9. Crianças leitoras: ler para quem e por quê?
10. Dobradura e contação de histórias;
11. Festa em casa e na escola: Uma experiência com formação de jovem leitor;
12. Formação de leitores e escritores;
13. Formas discursivas e culturais colocadas em jogo no texto ficcional: entre as leituras propostas e as leituras produzidas;
14. Histórias que encaminham histórias: fábulas e lendas encontram-se em projeto de trabalho no ensino fundamental;
15. Kit literatura em minha casa: a diversidade textual e o trabalho pedagógico;
16. Leitura de adaptações de clássicos da literatura universal e propostas de mediação escolar;
17. Ler e fazer: uma atividade criativa para dar ênfase à fruição de textos e despertar o leitor;
18. Liberdade e prazer – condições de motivação para a formação de leitores literários na escola;
19. Literatura infantil com “cara de aula”?
20. Literatura infantil na escola: leitura de imagens;

21. Literatura infantil ponte para a inclusão: limites e possibilidades;
22. O ensino da leitura na literatura infantil brasileira: a metodologia da personagem professor;
23. O lúdico e o pedagógico: contornos da literatura infanto-juvenil;
24. Passaporte para a leitura;
25. Planejamento didático a partir das representações que os estudantes têm sobre a leitura do texto literário;
26. Políticas de promoção da leitura literária para a infância no Brasil: uma análise histórica;
27. Prática de leitura: uma excursão sobre o tema a partir de falas de alunos;
28. Projeto leitura solidária;
29. Projeto literatura em minha casa – uma proposta bem sucedida;
30. Proposta de leitura literária no livro didático de língua portuguesa e suas implicações com os temas transversais;
31. Selecionando textos e dinamizando leitura: encontros literários com projetos de trabalho;
32. Trabalho de leitura do livro amigos;
33. Trabalho de literatura através do livro a bolsa amarela;
34. Um olhar sobre as fichas de leitura: uma interpretação autorizada?
35. Uma proposta de trabalho com “Poeminhas pescados numa fala de João”, de Manoel de Barros;
36. Vários milhões de jovens leitores podem estar errados?

• **IV Seminário sobre Letramento e Alfabetização**

1. Análise do programa literatura em minha casa: a distribuição dos kits nas escolas de Presidente Prudente;
2. Compartilhando leituras: divinas aventuras;

3. Crianças e literatura infantil: a leitura do texto literário na escola pública;
4. Modos de apropriação do conhecimento: literatura e emoção no contexto da sala de aula;
5. Projeto biblioteca: um incentivo à prática de leitura e escrita;
6. Recontando histórias: a leitura e a visão de mundo do pré-escolar;
7. Uma turma de 1ª série (com)fabula com Esopo;

- **IV Seminário sobre Ensino**

1. De língua e literatura
2. A literatura como jogo: por uma curadoria pedagógica da leitura;

- **IV Seminário Linguagens na Educação Infantil**

1. Amigos da leitura: “aqui e lá”;
2. Constituindo leitores/criadores de histórias na educação infantil;
3. O que se dá a ler a quem dizem que não lê: as concepções de leitura/leitor e os critérios na escolha de livros para as crianças de 0 a 6 anos;
4. Poesia para sentir e gostar;
5. Uma experiência de leitura poética na educação infantil;

16° Cole (2007): Total de 1543 Comunicações

- Apresentações com o tema literatura para crianças e escola:

- **Conferências:**

- Armadilhas didáticas da leitura na escola
- Os livros que não lemos – de como ler é mais do que decifrar escritos
- Armadilhas literárias para a formação de leitores

- **X Seminário sobre Biblioteca Escolar**

1. Sala de Leitura nas Escolas Municipais de São Paulo: uma inovação que resiste às discontinuidades políticas;

2. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): atos e práticas de leitura em escolas do Ceará;
 3. Com o pé na poesia;
 4. Incentivo à leitura - arte ou profissão?
 5. Bebeteca: um programa de mediação da leitura para crianças de 0 a 3 anos de idade.
Milena Maria Rodrigues;
 6. Aquisição de práticas de letramento: a literatura e a formação de leitores e escritores;
 7. “Laços e fitas e histórias bonitas”: relatando a experiência de um projeto de literatura infantil;
- **IV Seminário Práticas de Leitura, Gênero e Exclusão**
 1. “O patu é petu”: as armadilhas da leitura escolar na educação infantil em uma escola de assentamento;
- **VI Seminário Literatura Infantil e Juvenil**
 1. O sonho da vaca e o jogo dramático: formando leitores da educação infantil;
 2. Leitura de poemas infantis: analisando as estratégias leitoras a partir do suporte;
 3. Poesia na escola: educação para a fruição estética;
 4. Observatório de leitura: Salvador lê;
 5. Leituras lobatianas: a formação de alunos através da obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato;
 6. Leitura de imagens e a formação de leitores;
 7. A “Hora do Conto” e a formação do leitor: relatos de experiência;
 8. Literatura infantil e escola: algumas considerações;
 9. Literatura infantil e diversidade: construindo caminhos para a inclusão escolar;
 10. Desenvolvendo projetos em biblioteca escolar: leitura e escrita;
 11. O canto e o (en)canto do sabiá: movimentos entre aqui e lá;

12. Literatura infantil e pedagogia: reflexões a respeito da formação de uma nova mentalidade leitora;
13. Armadilhas no ensino de literatura infanto-juvenil;
14. Literatura infantil na alfabetização: um estudo de caso;
15. A casa da madrinha na escola;
16. Narrativas de professora: o encontro com a literatura através da arte de contar histórias;
17. Flagrantes de contações de história em espaços educativos gaúchos;
18. A escolarização da literatura infantil: o encontro da arte com o saber escolar?
19. O espaço da leitura no planejamento de professoras do ensino fundamental;
20. Literatura infanto-juvenil: instrumento de reflexão para o incentivo à leitura na escola;
21. Metodologia do ensino, teoria da literatura e a formação do leitor competente;
22. A literatura-arte na educação pública;
23. O fantástico e o maravilhoso na literatura infantil: um estudo de caso nas escolas públicas de Portugal e do Brasil;
24. Possibilidades da literatura na escola;
25. O ensino da leitura no contexto escolar;
26. Despertando o prazer pela leitura;
27. A narrativa literária nas atividades da primeira série do ensino fundamental;
28. A importância do trabalho educativo com ilustrações de livros de literatura infantil;
29. Literatura infanto-juvenil: discurso pedagógico ou discurso literário?
30. A literatura infanto-juvenil de Pedro Bandeira na escola: um fenômeno editorial na história do mercado livreiro do Brasil;
31. Contos de fadas: o prazer na sala de aula;
32. A literatura infanto-juvenil e a inclusão escolar: um diálogo possível;
33. Relato de experiência nossas raízes indígenas;

34. Desenvolvendo o prazer de ler. Uma experiência de leitura em voz alta com crianças de três a dez anos de idade;
35. Formando leitores durante a alfabetização: o desenho e a literatura infantil;
36. Escola: razão. Literatura infantil: fantasia: como conciliar a leitura prazer com as atividades pedagógicas?

- **V Seminário Letramento e Alfabetização**

1. Literatura e alfabetização: o que surge quando o texto literário ocupa a centralidade da prática pedagógica?
2. Fábulas na sala de aula;
3. Leitura e literatura infantil e juvenil nas escolas do oeste paulista: espaços e contextos da realidade brasileira e portuguesa;
4. A constituição do sujeito leitor nas relações escolares: as mediações escolares e o desenvolvimento da autonomia leitora dos alunos nas séries iniciais do ensino fundamental;
5. Convivência com a literatura infantil e sua contribuição para a formação de leitores;
6. Em busca de “nenhum a menos”: o projeto letras e livros em Embu das Artes;
7. Dramatizar e contar histórias: um outro modo de ler;

- **V Seminário Ensino de Língua e Literatura**

1. O trabalho com os paradidáticos em sala de aula: estratégias didáticas e história pessoal, um grande conflito vivido por professores da escola pública;
2. Ensino de literatura: a hora e vez do leitor;
3. A cilada da dissociação entre o estudo da língua e da literatura;
4. As singularidades de flicts – em busca de singularidades no ensino da literatura;
5. Literatura e imaginação em espaços escolares: ensino da literatura em questão;
6. Literatura: um recurso para reencantar a aula;

7. Memórias infantis sobre animais: diálogos entre as obras de Clarice Lispector e Sylvia Orthoff;
8. (Des)construindo relações de gênero através da obra de Ana Maria Machado;
9. A prática da leitura pelos alunos da turma “gringos” da legião mirim de Bauru;
10. Leitura na escola: sacrificar o saber pelo prazer?
11. Leitura de literatura na escola: uma nova relação dialógica.

• **V Seminário Linguagens em Educação Infantil**

1. Experiência poética, poesia e aprendizagem na infância;
2. Novas leituras na educação infantil: ensaios sobre literatura, arte e alfabetização;
3. Estimulação pedagógica: em busca de caminhos para incentivo a literatura desde a primeira infância;
4. Estimulação pedagógica: em busca de caminhos para incentivo a literatura desde a primeira infância;
5. A literatura infantil e o desenvolvimento das diversas linguagens na educação infantil;
6. Formação de leitores na educação infantil: estudo de caso;
7. Infância, linguagens e marquesa de rabicó: no princípio não era apenas o verbo;
8. Uma abordagem teórico-prática das múltiplas linguagens no âmbito das culturas indígenas e afro-brasileira;
9. Era uma vez... Duas e três... Possibilidades de ler/contar histórias na educação infantil;
10. Livros sem texto para crianças pré-escolares: produção e leitura;
11. Mar de Histórias: o que se lê e o que se conta na escola, todos os dias;
12. Leitura e leituras na educação infantil: reflexões sobre as caixas que contam histórias.

ANEXO II

Cd-Rom com os documentos digitalizados pela pesquisa.